

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA**

Bruna Rodrigues Maziero

**ENVELHECIMENTO E PERFORMATIVIDADE DOS CORPOS
TRAVESTIS**

**Santa Maria, RS
2017**

Bruna Rodrigues Maziero

**ENVELHECIMENTO E PERFORMATIVIDADE DOS CORPOS
TRAVESTIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gerontologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Orientador: Prof.^a Dra. Angelita Alice Jaeger

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Maziero, Bruna Rodrigues
ENVELHECIMENTO E PERFORMATIVIDADE DOS CORPOS
TRAVESTIS / Bruna Rodrigues Maziero.- 2017.
77 f.; 30 cm

Orientadora: Angelita Alice Jaeger
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, RS, 2017

1. Corpo 2. Envelhecimento 3. Gênero 4. Travestis I.
Jaeger, Angelita Alice II. Título.

© 2017

Todos os direitos autorais reservados a Bruna Rodrigues Maziero. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: brunarmaziero@gmail.com

Bruna Rodrigues Maziero

ENVELHECIMENTO E PERFORMATIVIDADE DOS CORPOS TRAVESTIS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gerontologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Aprovado em ____ de agosto de 2017:

Angelita Alice Jaeger, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Martha Teixeira de Souza, Dra. (UNIFRA)

Monalisa Dias de Siqueira, Dra. (UFSM)- Parecer

Santa Maria, RS
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho Otávio, ao meu pequeno Davi (ainda na barriga) e às travestis que gentilmente participaram da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer a Deus pelas oportunidades de evolução, as quais tem me concedido nessa vida.

À minha mãe, pelo amor incondicional, me incentivando e apoiando em todo e qualquer momento.

Ao meu pai, que mesmo não estando presente fisicamente, tem me inspirado, de outro plano, a seguir a caminhada de estudos tão sonhada por ele durante minha infância.

Ao meu filho Otávio, luz da minha vida, a ti agradeço por todo amor, por toda doçura e pela compreensão que teve mesmo nas minhas ausências durante esses dois anos.

Ao meu companheiro Airan, pela amabilidade, pelo companheirismo diário, pela ajuda e apoio constantes, a ti um obrigado é pouco.

Ao professor Marco Acosta, coordenador do GEPEG, que me abriu as portas para o estudo da Gerontologia.

À minha orientadora Angelita Jaeger, pelo apoio e aprendizado nesse processo.

Aos meus colegas de mestrado, “a melhor 6ª série do mestrado”, com certeza vocês possibilitaram que essa experiência se tornasse mais leve e doce.

Ao meu melhor presente do mestrado, minha amiga Karine, obrigada por tudo, não há palavras para descrever o quanto sou grata por ter te conhecido.

Aos colegas membros do GEDCG, obrigada pelo aprendizado e pela ajuda na minha evolução.

Às travestis que participaram, que gentilmente me cederam as entrevistas para o estudo, obrigada pela confiança no meu trabalho e por dividirem comigo suas lindas histórias de vida, com certeza sem vocês esse dia não teria chegado, a vocês minha eterna gratidão.

Às professoras, Martha Souza, Monalisa Siqueira e Marinês Tambara, membros da banca de qualificação, por toda disponibilidade e contribuições.

Às minhas colegas de trabalho, Eliane Caldas, Michele Trindade e Laura Pacheco, obrigada pelas palavras de apoio nos momentos difíceis, pelas substituições nas aulas e estágios, quando o mestrado consumiu mais tempo que o previsto, mas, principalmente, pela forte amizade e parceria nesses anos.

Por fim, mas não menos importante, meu muito obrigada a todas as pessoas que, de alguma forma, participaram desse momento tão especial da minha vida!

RESUMO

ENVELHECIMENTO E PERFORMATIVIDADE DOS CORPOS TRAVESTIS

AUTORA: Bruna Rodrigues Maziero
ORIENTADORA: Angelita Alice Jaeger

Essa pesquisa tem como objetivo compreender as representações de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões em uma cidade do interior do RS, o que merecem destaque, por comporem um grupo social de alta vulnerabilidade. Assim, pouco se conhece sobre o processo de envelhecimento e corpo delas, a partir de suas próprias representações. A condução metodológica do trabalho foi orientada pela abordagem qualitativa, e para produção das fontes de pesquisa, utilizou-se a técnica de entrevistas em profundidade. Percebeu-se, a partir dessa pesquisa, que as travestis constroem ao longo de suas vidas, um corpo performático, rompendo a dualidade da heteronormatividade, esse corpo, é representado por elas, como um local de produção de relações sociais com o outro. Sobre o envelhecimento, há preocupação com a possibilidade de envelhecerem sozinhas, sem família e/ou companheiros, sem estabilidade financeira e ainda há o medo da perda do corpo jovem. Contudo, não há interesse em esgotar a temática pesquisada, tampouco chegar a conclusões taxativas, mas sim possibilitar a ampliação da discussão.

Palavras-chave: Corpo. Envelhecimento. Gênero. Travestis.

ABSTRACT

AGEING AND PERFORMATIVITY OF BODIES TRANSVESTITES

AUTHOR: Bruna Rodrigues Maziero
ADVISOR: Angelita Alice Jaeger

That research has as objective understands the body representations and transvestites' ageing that act in different professions in a city of the interior of RS, what deserves prominence, for forming a social group of high vulnerability. Like this, little it is known on the ageing process and body of them, starting from their own representations. The methodological transport of the work was guided by the qualitative approach, and for production of the research sources, the technique of interviews was used in depth. It was noticed, starting from that research, that the transvestites build along their lives, a body performative, breaking the duality of the heteronormativity, that body, it is represented by them, as a place of production of social relationships with the other. On the ageing, there is concern with the possibility of they age alone, without family and/or companions, without financial stability and there is still the fear of the loss of the young body. However, there is no interest in exhaust the researched theme, nor reach categorical conclusions, but to make possible the enlargement of the discussion.

Keywords: Ageing. Body. Genre. Transvestites.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	9
1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	TRAVESTILIDADES	17
2.2	CORPOS PERFORMATIVOS.....	22
2.3	ENVELHECIMENTO E TRAVESTILIDADE	26
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS	31
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	31
3.2	INCURSÕES NO CAMPO.....	32
3.3	POPULAÇÃO.....	32
3.4	PRODUÇÃO DE FONTES DE PESQUISA	32
3.5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	34
3.6	ASPECTOS ÉTICOS	35
4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	36
4.1	ARTIGO I - ENVELHECIMENTO E PERFORMATIVIDADE DOS CORPOS TRAVESTIS.....	36
5	CONCLUSÕES	58
	REFERÊNCIAS	60
	ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	65
	ANEXO B - NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA CIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA	68
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...	76

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado está estruturada conforme as normas da MDT (2015), da Universidade Federal de Santa Maria, e está disposta em seções, como segue: **INTRODUÇÃO, REFERENCIAL TEÓRICO, CAMINHOS METODOLÓGICOS, APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS e REFERÊNCIAS.**

No item **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**, encontra-se um artigo que será enviado para publicação, na Revista Ciências e Saúde Coletiva, nele está contemplado os resultados, discussão e as considerações finais das fontes produzidas no decorrer do estudo.

O item **REFERÊNCIAS** se refere somente às citações que aparecem nos itens **INTRODUÇÃO, REFERENCIAL TEÓRICO e CAMINHOS METODOLÓGICOS** dessa dissertação.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de minha formação como Terapeuta Ocupacional, o campo social e da saúde mental sempre constituíram temas de interesse no decorrer de minha trajetória. Aos poucos a gerontologia somou-se a essas temáticas, principalmente em práticas e estágios nos quais tive a oportunidade de participar e me deparei com a população idosa e, assim, tessituras e interlocuções entre esses assuntos foram se constituindo. Igualmente, a prática profissional veio, dia após dia, requisitando a ampliação e o aprofundamento de estudos nessa área, visto que minha atuação profissional se inclinou para tal, no trabalho em Clínicas geriátricas e Centros de Atenção Psicossocial.

Nesse último, deparei-me com uma diversidade de pessoas, indivíduos de diferentes etnias, credos, orientações sexuais e foi nesse lugar, em especial, que encontrei pela primeira vez com o grupo social a ser estudado, travestis, muito embora essas pessoas tenham dificuldade de acessar serviços de saúde e isso se deve ao fato de ter poucos serviços especializados para atender a demanda da diversidade, favorecendo a busca por automedicamento e cuidados alternativos (SOUZA et al., 2014; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2009). Nesse local tive a oportunidade de manter contato com essas pessoas, no entanto, esse se deu mais sob a forma de promoção e produção da saúde, porém, algumas inquietações ficaram, inquietações essas que demandavam mais do que questões de saúde, e sim questões que perpassam a área social e humana.

No decorrer da prática profissional, senti a necessidade de maiores aprofundamentos e, assim, fiz uma especialização em Atenção Psicossocial e Saúde Mental, cuja temática de pesquisa se deu em torno da Redução de Danos (RD), e, ao estudar sobre essa prática, hoje uma diretriz da política de atenção integral em álcool e outras drogas, vejo que a RD tornou-se uma luta que articula com outras, por exemplo, luta antiproibicionista¹, das pessoas que vivem com HIV/AIDS², LGBTTT³, profissionais do sexo e luta antimanicomial⁴, assim, articulações com o tema dessa pesquisa foram aos poucos se entrelaçando.

¹ Luta pela descriminalização e legalização de algumas drogas

² Sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana, causador da AIDS/Estágio mais avançado da doença que ataca o sistema imunológico.

³ Sigla de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

⁴ Luta por uma sociedade sem manicômios, pelo tratamento humanizado às pessoas com algum tipo de transtorno mental.

Nesse ínterim, fui selecionada para ser docente no Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), fortalecendo a necessidade de qualificar-me. Assim sendo, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisa em Gerontologia (GEPEG), coordenado pelo professor Marco Acosta, quis aprofundar-me nos estudos sobre envelhecimento e velhice, em uma perspectiva mais social, do que orgânica, e percebi que realmente era nisso que gostaria de seguir dedicando meus estudos, com isso, fui pensando sobre como delinear um projeto na área, que tivesse alguma interface com outros desejos de pesquisa.

O fascinante da gerontologia é justamente isso, poder ter um olhar ampliado à população que envelhece, visto que se trata de uma área de caráter multi e interdisciplinar, voltada para o estudo das questões multidimensionais que envolvem o envelhecimento e a velhice, e visa a exposição e esclarecimentos das modificações relativas a esse processo e de seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais. Tal campo investiga a velhice, propriamente dita, mas também o envelhecer (NERI, 2008; DEBERT; BRIGEIRO, 2012; NEGREIROS, 2004; SBGG, 2016).

O envelhecimento é um processo inerente a todos os seres humanos no ciclo do desenvolvimento. A criança nasce, se desenvolve, na vida adulta chega ao ápice da maturidade e, finalmente, à velhice. Com essa breve descrição, parece que esse processo é simples, entretanto, todas as fases do ciclo da vida são dinâmicas e ocorrem de forma distinta para cada sujeito, depende de questões biológicas, mas também é atravessada por tantas outras, como classe, etnia e gênero. A gerontologia contemporânea tem se preocupado com a longevidade humana e com a qualidade de vida das pessoas que envelhecem, para que tenham uma velhice saudável e digna. Nesse sentido, estudos das áreas sociais e humanas têm contribuído sobremaneira para reflexões relativas ao envelhecimento, já que todas essas questões devem ser levadas em conta (NERI, 2008).

É nessa perspectiva que as minhas incursões e inquietações profissionais produziram o tema central desta pesquisa, que tem foco no corpo e no envelhecimento de travestis que atuam em distintas profissões, dado que essa é uma temática ainda pouco explorada por pesquisadores. Amaral et al. (2014), em seu estudo sobre o panorama das publicações científicas brasileiras produzidas sobre travestis entre os anos 2001-2010, afirmam que, a partir dos anos 2000, a pesquisa sobre experiências

travestis ganhou espaço e visibilidade, tendo no ano de 2009 o seu auge, com um número expressivo de dissertações acerca da temática.

As delimitações dos temas das pesquisas são diversificadas, porém, concentram-se, principalmente, na relação saúde-doença de travestis, na maioria das vezes relacionada ao uso de drogas, criminalidade, HIV/AIDS e ISTs⁵. Outro aspecto amplamente pesquisado está relacionado ao corpo cambiante das travestis, seguido do gênero, identidade e prostituição. Percebe-se que “durante muito tempo as experiências travestis foram – e em algumas discussões continuam sendo – intimamente relacionadas à prática da prostituição” (AMARAL et al., 2014, p. 305). Dessa forma, resolvi não excluir as travestis que trabalham com prostituição, mas buscar também as que atuam em outras profissões. As autoras ainda destacam que existem discussões recentes e menos frequentes no que se refere à adolescência, violência, educação, relações conjugais, raça, religião e ao envelhecimento, este relacionado com a temática que me proponho a pesquisar neste estudo.

Nesse contexto, é relevante citar importantes pesquisas relacionadas às travestis, ressaltando alguns pesquisadores, como o precursor nesse campo, o antropólogo Hélio Silva (1993), que faz uma etnografia com travestis do bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, mostrando o cotidiano dessas pessoas, assim como o faz Marcos Benedetti (2005), antropólogo, que também realiza uma etnografia com travestis gaúchas, analisando as transformações desse grupo e as dificuldades cotidianas encontradas em suas batalhas. Don Kulick (2008), antropólogo sueco, que conviveu com travestis da Bahia, realizou uma pesquisa etnográfica, na qual são levantadas diferentes e importantes temáticas relativas a esse grupo. Juliana Frota da Justa Coelho (2009), socióloga, interpela as performances realizadas por travestis e transformistas em boates gays de Fortaleza - CE. Mônica Soares Siqueira (2004; 2009), também antropóloga, realiza etnografia com memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis idosas. Larissa Pelúcio (2009) trabalha na perspectiva de saúde e com modelos preventivos de AIDS. Por último, cito Martha Helene Teixeira de Souza et al. (2014), enfermeira, que realiza, na cidade de Santa Maria - RS, uma etnografia que discute questões relacionadas com violência, sofrimento social e itinerários terapêuticos das travestis.

⁵ Sigla para infecções sexualmente transmissíveis.

Acredito ser pertinente citar, ainda, o estudo de Indira Saad Brum (2014), no qual a autora se propõe a realizar uma pesquisa bibliográfica na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), com o objetivo de identificar como as travestis e transexuais são nomeadas, analisando a constituição da prostituição entre esses sujeitos. Brum (2014) pondera que há ainda um saber de senso comum, até mesmo naturalizado, para nomear e identificar essas pessoas, simplificando-as apenas ao fato de que transexuais não suportam seu órgão genital masculino, ao passo que as travestis não têm problema com o órgão, e ainda o utilizam em seus relacionamentos. A autora chama a atenção para os diversos atravessamentos relacionados à constituição de travestis e transexuais, e, ainda, para a importância da nomeação nos processos identitários de cada um. Em estudo realizado por Benedetti (2005), o autor sugere que as travestis são pessoas que modificam propositalmente seu corpo e o tornam mais parecido com o corpo de uma mulher, de tal modo que se vestem e agem como pessoas do gênero feminino, porém não desejam recorrer à cirurgia para a retirada do órgão genital masculino. Segundo o autor, essa definição advém de dados do próprio estudo.

Butler (2016, p. 236) vai além ao afirmar que “as travestis subvertem inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos internos e externos, e zombam efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade de gênero”. Ao encontro disso, Siqueira (2004, p. 89) afirma que, “ao construírem um corpo feminino e masculino, travestis, transformistas, drags também indicam ações que contrastam o gênero como dual”.

É preciso, sobretudo, desconstruir o caráter polarizado e naturalizado dirigido ao gênero ou a qualquer outra relação. No entanto, sabe-se que esse exercício não é fácil, pois se aprende a pensar sempre em uma dicotomia e, como dicotômico, há sempre dois elementos, dois polos, em que um exerce poder sobre o outro. Quando se pensa no conceito de gênero, é preciso fugir desses binarismos. Butler (2016) apresenta importante reflexão sobre o conceito de gênero, ela defende que ele é construído culturalmente, diferente do sexo biológico que nos foi dado naturalmente no nascimento, retirando a ideia de que o gênero decorre do sexo. Segundo a autora, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado em um sexo previamente dado” (BUTLER, 2016, p. 27).

Ao encontro do que Butler propõe, Louro (2014) afirma que o conceito de gênero nos faz fugir das tendências que nos fazem pensar em experiências

essencialmente femininas ou masculinas, e nos convida a uma reflexão com abordagens mais amplas, é necessário pensar em gênero de maneira plural, afastar as tendências essencialistas e desconstruir a polarização entre feminilidades e masculinidades.

Antunes e Mercadante (2011) ponderam que as travestis, no decorrer de suas vidas, transitam no que a sociedade nomeia como características femininas e masculinas, apresentam uma grande preocupação com a estética do corpo, inclusive muitas trabalham com prostituição, lugar esse, muitas vezes, a elas reservado pela sociedade. Percebe-se, também, que esse é o lugar predominante de pesquisadores/as, em artigos, teses e dissertações que envolvem a temática. Alguns pesquisadores, ao ter como campo de pesquisa a “rua”, fazem problematizações e reflexões extremamente pertinentes para essas pessoas, visibilizando a importância de se pensar em ações políticas que tirem da marginalização e estigma as experiências de travestis vinculadas à prostituição (AMARAL et al., 2014).

Sobretudo, precisa-se pensar em novos modos de construção desses sujeitos, de maneira que sejam vistos como cidadãos de direito e não apenas como um corpo-produto de consumo. A sociedade, pelos meios discriminatórios, menospreza a existência da diversidade sexual e deixa à “sombra” social e cultural todos aqueles que não se encaixam nos padrões da normatividade. Assim, podemos dizer, as travestis não pertencem aos preceitos de gênero e tornam-se invisíveis à sociedade e poderes públicos (BUTLER, 2016).

Contudo, esse cenário vem mudando paulatinamente, e toda essa diferença e diversidade pode e deve ser convertida em diferença política, que ora exprime liberdade ora sujeição. As relações de gênero ou sociais de sexo soam como constitutivas de produção material (reprodução-produção), de relações de poder, política, de ideologia e de cultura. Essas mesmas relações são dinâmicas e societárias, suas contradições e seus espaços organizam-se na vida social em contextos públicos e privados (SAFFIOTI, 2004). Como exemplo disso, podemos citar a inserção das travestis e transexuais na comunidade LGBTTT, bem como a participação dentro de espaços institucionais mais amplos, como universidades, mercado de trabalho, política partidária, instituições sociais...

A partir dessas considerações, esta investigação tem como objetivo central compreender as representações de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões na cidade de Santa Maria, RS, Brasil. A representação atua

simbolicamente para classificar o mundo e as relações com seu interior, incluindo práticas de significação e sistemas simbólicos, que nos posicionam como sujeitos, é através desses significados “que damos sentido as nossas experiências e àquilo que somos. Os sistemas de representação permitem aos indivíduos elaborarem lugares, a partir dos quais podem se posicionar e falar”, permitindo estabelecer identidades individuais e coletivas (WOODWARD, 2000, p. 17).

Mediante tais considerações, essa pesquisa justifica-se por pensar que o corpo e o envelhecimento de travestis merecem destaque, justamente por comporem um grupo social que normalmente sofre exclusão em todas as faixas etárias. Assim sendo, pouco se conhece sobre o processo de envelhecimento e o corpo delas, a partir de suas próprias percepções, já que possuem poucas oportunidades de falar de um lugar que lhes é próprio.

O referencial bibliográfico acerca da temática é menos discutido, trata-se de um campo ainda pouco explorado. Em 2013, Pedro Paulo Antunes, fez uma breve pesquisa na Biblioteca Digital de Dissertações e Teses (BDDT), mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), e localizou apenas quatro trabalhos que abordam a temática de maneira significativa. Já em 2016, arrisco-me na mesma tarefa e, para além dessas, encontro apenas mais dois trabalhos, sendo uma tese e uma dissertação.

Diante disso, pretende-se, com esta pesquisa, dar voz e valor a um saber que não parte de uma teoria, mas de uma pesquisa “com” as travestis e não “sobre” as travestis. Nesse sentido, pensar acerca do corpo e do processo do envelhecer travesti requer reflexão no que tange à complexidade dessas pessoas. Antunes (2010, p. 166) refere que a travesti idosa “não existe como uma espécie de substância posta e natural que será descoberta por determinado cientista”.

Espero, ainda, com esse estudo, contribuir para aumentar o número de trabalhos referentes à temática, auxiliando a compreender as percepções de corpo e envelhecimento de travestis. Tal entendimento aprofundará os conhecimentos relativos à temática, bem como poderá auxiliar os profissionais de todas as áreas e a sociedade em geral a ampliar seu olhar, tornando-o mais empático e reflexivo para com esse segmento social, favorecendo, dessa forma, a visibilidade desse grupo.

Nas leituras realizadas para esse estudo, percebi que a história e a cultura deixaram marcas de estigma em suas vidas, o modelo heteronormativo e biomédico fez com que as travestis fossem encaradas como pessoas que possuem um “desvio

de caráter” ou mesmo como pessoas classificadas por alguma doença, como exemplo disso, podemos citar que, por muitos anos, o “travestismo sexual” esteve classificado como uma patologia das parafilias sexuais em manuais diagnósticos e estatísticos para transtornos mentais, pois não se enquadrava no modelo binário vigente à época.

Reformular novos vieses na perspectiva do processo de envelhecer das travestis, é necessário, além de possibilitar deslocamentos de lugares predestinados que a sociedade referenciou como seus, naturalizados como singulares apenas a elas. É preciso visibilizá-las, romper com o campo da estigmatização e politizar a discussão para tratá-las como cidadãs de direito e, como tal, ocupar os amplos espaços democráticos da sociedade.

Nesse sentido, existem poucos estudos relativos ao processo de envelhecimento e à velhice, propriamente dita, de travestis, já que sabe-se que a maioria delas acaba morrendo muito jovem em função da transfobia, opressão e exploração, ou ainda apresentam um envelhecimento com início mais cedo, quando comparada com as demais pessoas, e que deve ser pensada de maneira conjunta com outras temáticas importantes como gênero, sexualidade, saúde, trabalho e ‘qualidade de vida’, visto que o cotidiano das travestis acaba sendo atravessado por determinantes sociais diversos, que influenciam diretamente no processo de envelhecimento.

Esta pesquisa situa-se no campo da gerontologia, portanto, apresenta um caráter interdisciplinar, o que justifica o uso de autores de diversas áreas, como das ciências sociais, humanas e da saúde.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TRAVESTILIDADES

Pensar a possibilidade de atravessamento que o sujeito refere em sua possibilidade de liberdade coloca o corpo e suas travestilidades em xeque o tempo todo, pois constituiu-se fundamentos no biológico, na cultura, no social, na família, nos mitos e, até mesmo, na literatura. Sendo assim, como se constrói uma travesti? Onde se vislumbra a travestilidade em uma arqueologia social?

Platão conta o mito dos Andróginos e diz que a humanidade poderia descender dos andróginos (CASTLE, 1999). Relata que nos primórdios da antiguidade, a natureza humana era composta por três seres: os machos, as fêmeas e os andróginos, esses com dois genitais, um de homem e outro de mulher, e uma cabeça com dois rostos opostos. Segundo o mito, ao se revoltarem com as divindades, foram castigados por Júpiter, que dividiu seus corpos com distintas características. Na mesma época, na Grécia Antiga também havia outro Deus com dois sexos, o Hermafrodito, que era temido pelo forte caráter erótico e ambíguo dos seus genitais. Expressava a ambiguidade espiritual, assim como seus corpos apontavam para uma ligação com uma sensualidade demoníaca. No Renascimento, o corpo científico concentra seus esforços para entender a natureza desses seres, mas são alvos da Santa Inquisição. Na França e Inglaterra, a travestilidade aparece como fenômeno social singular. Era tema de festas mascaradas, nas quais as fronteiras eram ampliadas e novos desejos e prazeres poderiam ser experimentados.

Já no século XIX, os hermafroditas voltam ao centro das discussões por meio do moralismo biomédico. A ciência anuncia essas pessoas como erro da natureza, inicia-se, então, uma luta contra a ambiguidade sexual. O hermafrodita precisava se identificar com apenas um gênero, caso contrário, poderia ser punido como sodomia. Foucault (2015) identifica esse fato como uma busca constante pelo “verdadeiro sexo”. Há diversas culturas em que a homossexualidade e as travestilidades não são bem vistas pela sociedade que as compõem, porém, existem exemplos de sociedade, como a dos ameríndios, ressaltadas na pesquisa de Benedict (2013), que apresenta os *berdaches*, homens que depois da puberdade passavam a usar trajes femininos e a desempenhar as ocupações das mulheres, casavam como outros homens e viviam com eles, eram considerados peritos em ocupações femininas, tinham seu lugar na

sociedade e, na maioria das tribos, ganhavam destaque nas ocupações destinadas às mulheres.

Outra pesquisa que é importante destacar, e que trata a travesti com uma questão transcultural, mitológica, bem como de caráter transgeracional, trata-se de um grupo de sujeitos na Índia, as *hijras*, que constituem uma terceira categoria de gênero, considerado por eles mesmos e por outros como nem homens nem mulheres. O papel tradicional de *hijras* na sociedade indiana é cantar e dançar em casamentos e cerimônias e em torno do nascimento de um menino. Eles se vestem como mulheres e suas performances incluem paródias da linguagem corporal das mulheres (NANDA, 1998). Um ponto interessante referido pela autora é que, embora muitas sociedades aceitem a ambiguidade de sexo, institucionalizando um papel, ou mesmo um terceiro gênero, a sociedade ocidental se fixa na dicotomia macho/fêmea de cada ser humano. A ideia de que sujeitos poderiam ter identidades mistas ou alternativas de gênero, muito comum em determinadas culturas, é bastante estranha ao ocidente.

A população de travestis, no geral, passa suas vidas atravessadas cotidianamente pelo desprezo e preconceito que recebem da sociedade ocidental contemporânea e, para entender tal afirmação, é preciso conhecer o contexto histórico brasileiro desse grupo social. Ao realizar uma pesquisa para identificar o momento histórico no qual essa população aparece na sociedade, tem-se que no Brasil, especialmente, tenha se originado em peças de teatro nas décadas de 60 e 70. No entanto, o que favoreceu um maior conhecimento delas foram suas migrações para a cidade de Paris, nas décadas de 70 e 80, “quando se noticiava os trabalhos desenvolvidos pelas trans brasileiras nas noites parisienses, especialmente no “Bouis de Bologne ” (SIMPSOM, 2015, p. 9).

Nogueira (2013) afirma que o próprio termo travestis tem origem francesa e é usado para nomear a ideia de disfarce:

Observa-se que o termo travestis já carrega alguns séculos de associação com o universo do disfarce, da ambiguidade, da incerteza, e no limite da representação de uma mentira. Vemos assim, como a ideia de travestis evoca também o campo da farsa e do ridículo, tão comum quando esse termo é popularmente usado com o objetivo de agredir e desqualificar alguém (NOGUEIRA, 2013, p. 49).

No Brasil incorpora-se essa ideia, principalmente, em festas populares para se “disfarçar” de sexo oposto independente do comportamento ou orientação sexual.

A partir dessa breve narrativa, percebe-se que historicamente pessoas que apresentavam aspectos que fossem desviantes do dito normal, tornaram-se inevitavelmente alvo de estudos, apreciações, além de preconceito. O preconceito e o estranhamento para com as travestis podem ocorrer por elas não se enquadrarem no binarismo que costumeiramente se convive, elas conseguem abarcar um número de características femininas, por meio da construção do corpo e ainda permanecem com atributos ditos masculinos, como as que dizem respeito a questões de ordem biológica (BUTLER, 2016). Essas características de rompimento da heteronormatividade, e com a inscrição do dito normal, se traduz em uma série de fantasias sociais acerca da travesti, bem como implica violência, intolerância e, ainda, negação da diversidade sexual.

É recorrente e notória a ideia de que as travestis vivem e convivem com as marcas da discriminação e preconceito, sendo vistas, inclusive, como um dos grupos mais vulneráveis, conforme apontam Kulick (2008), Pelúcio (2007), Benedetti (2005) e Souza et al. (2014) em suas pesquisas. Muitas têm grande receio de sair de dia pelas ruas das cidades e, as que se arriscam, acabam utilizando estratégias que ocultam os indícios de um corpo de travesti, utilizando e vestindo acessórios ditos do mundo masculino.

As pessoas “trans” começam a ter um maior reconhecimento na sociedade graças aos estudos de gênero, estes que resultaram das lutas de libertação feminina. No Brasil, o campo de estudos de gênero ou relações de gênero emergiu nos anos 1970/1980 em torno da problemática da condição feminina (LOURO, 2014).

Dessa forma, não é possível fazer definições, de modo preciso, acerca da população travesti e suas experiências, no momento em que se define algo, remete-se a ideia de essencialismo e se sabe que os conceitos são plásticos e mutáveis e tomam forma a partir da existência de identidades, diferenças e singularidades de devires, com conceitos que são atravessados por questões de classe, étnicas, culturais e etárias, nesse estudo a intenção é compreendê-las em uma perspectiva performativa. No caso das travestis, existe um corpo inscrito em uma identidade, a identidade travesti, impossível de ser conceituado ou definido como algo inerte, visto que são sujeitos altamente versáteis.

Atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos no sentido de que a essência ou identidade, que pretendem expressar, são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos

(BUTLER, 2016). Tais argumentos estão de acordo com as constituições políticas de sujeito na identificação dos principais fatores de diferenciação entre travestis, transexuais e transformistas:

Travestis são aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em contraste a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo como condição *sine qua non* da sua transformação. As transformistas por sua vez promovem intervenções leves – que podem ser suprimidas ou revertidas – sobre as formas masculinas do corpo, assumindo as vestes e identidade femininas somente em ocasiões específicas (BENEDETTI, 2005, p. 18, grifo do autor).

No entanto, não se pode afirmar que as diferenças entre esses sujeitos são somente essas, deve-se pensar que por trás de cada pessoa há uma subjetividade que a cerca e que diz muito mais de cada um, tais diferenciações tornam-se pertinentes para que seja possível identificar com mais clareza as interlocutoras que farão parte desta pesquisa. Muito embora façam parte do universo trans diferentes tipos de sujeitos, o foco deste estudo está voltado para as travestis. A noção de uma identidade original ou primária do gênero é frequentemente parodiada nas práticas culturais da travestilidade e na estilização sexual das identidades. Na teoria feminista, essas identidades parodísticas têm sido entendidas como degradantes das mulheres, no caso das travestis. Por mais que crie uma imagem unificada da “mulher”, a travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade da ficção reguladora da coerência heterossexual (BUTLER, 2016).

Nessa perspectiva, Silva (2000) alude que a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas e essencializadas, a identidade só tem como referência a si própria; ela é autocontida e autossuficiente, e estão em uma relação de dependência, assim como em uma relação social. Afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre identidade. Isso significa dizer que definições acerca de identidade estão intrinsecamente ligadas às relações de poder, não se pode separar o poder de definir a identidade, bem como demarcar a diferença, já que se trata de uma relação muito ampla: onde existe diferenciação está o poder. Estabelece-se, assim, que identidade de gênero é o gênero com o qual um sujeito se identifica e que pode ou não ir ao encontro do sexo

biológico, que foi determinado mesmo antes de seu nascimento. Além disso, o gênero se constrói na relação entre homens e mulheres (BUTLER, 2016).

Benedetti (2005) afirma que é comum, diante da lógica institucional, identificar as travestis como “homossexuais”, “entendidos” ou gays. Ao reinscrever, no espaço trans, um universo plural, o autor trabalha valores de gênero como marcadores sociais para suas construções corporais que contribuem nos arranjos culturais de construção de corpo, de gênero e envelhecimento, fugindo de uma lógica típica do olhar institucional comum sobre esses grupos.

As travestis constituem um grupo social cada vez mais numeroso e proeminente na sociedade brasileira e já dispõem, no espaço social, de um papel que lhes é “legítimo” e que, em si, indica processos maiores de mudança social. Ainda é comum a ideia de que as travestis constroem sua identidade de gênero e sexual motivadas apenas pela prostituição e pelos ganhos financeiros que esta atividade pode proporcionar (BENEDETTI, 2005). A partir de tal afirmativa, percebe-se que a sociedade, mais uma vez, naturaliza os corpos dessas pessoas, indicando que o lugar delas é no campo da sexualidade para ganho de capital.

Tais questões estão também vinculadas com um momento histórico, que mostra que as travestis estiveram sempre muito vinculadas ao campo das artes e, em meados do século XX, a profissão de artista tinha uma ligação muito forte e marcante com a prostituição. Algumas artistas precisavam prostituir-se para complementar a renda e ajudar no seu sustento, mas isso não quer dizer que todas as artistas se prostituíam. Do mesmo modo, pessoas como as travestis, que transgrediam as normas de gênero, eram impedidas de arrumar empregos tradicionais e formais, eram, e ainda são, rejeitadas do convívio social. Restava, então, tornar um espetáculo sua condição e usá-lo como moeda de troca pelo fascínio sexual que sua condição ambígua causava em muitas pessoas. Assim, o termo travesti foi unindo-se a essa condição, influenciando o imaginário social, policial e médico, embora se saiba que até mais ou menos os anos 60 essa relação ainda não existia (LEITE JR., 2006).

Nesse contexto, Chanter (2011) refere que existe uma verdade que exerce influência cultural sobre os corpos e reflete neles ideias e explicações naturais ao descrever os fenômenos sociais. A concepção de que corpos contêm uma causalidade material com influência de uma ordem social implica que haja uma naturalização que esteja dentro da ordem da sociedade, ou seja, normalizar a relação entre os termos sexo e gênero como algo naturalizado. Ao se dizer que a diferença

sexual é cultural, permanece o problema de conceber as diferenças culturais sociais ou subjetivas, visto que o homem é a medida, o padrão e a referência de todo discurso legitimado. O termo sexo exerce, então, uma autoridade sobre o gênero, nele estão arraigados os significados inerentes e derivados de interpretações ideológicas de que sexo e corpo devem ser culturalmente aceitos (LOURO, 2014). Ao mesmo tempo:

A cultura está inscrita no corpo, mas ao mesmo tempo condicionando e transformando a natureza. Não atua de modo homogêneo no interior de uma sociedade em determinado período histórico. É conformada por determinados sistemas de relações sociais em seus modos de realização, que se constituem, em dimensões básicas de vida social e da sua análise, como as relações de classe, gênero e entre as gerações (MOTTA, 2002, p. 39).

Da mesma forma, as travestis provocam discussões, reflexões e implodem a dicotomia do feminino e masculino, pela construção de travestilidades que vão de encontro à ruptura da lógica dominante. No decorrer da construção de corpo, a travesti entra em um mundo de abjeção, de tal forma que isso contribui para sua visibilidade e reconhecimento. “Neste processo, há um tipo de ritual, no qual o corpo vai sendo (des) montado e adquire novos símbolos. Esse rito opera uma passagem em que atributos considerados femininos e masculinos se combinam” (COSTA, 2013, p. 42).

As travestis têm no corpo uma forma de comunicação, é nele e por meio dele que significados relativos a feminino e masculino tomam forma, atribuindo, assim, suas qualidades sociais (BENEDETTI, 2005). Se a verdade interna do gênero é uma fabricação e a travesti zomba dessa fabricação,

(...) e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser verdadeiros, nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER, 2016, p. 236).

Assim, a travesti é uma produção da constituição política e subjetiva escrachada do gênero.

2.2 CORPOS PERFORMATIVOS

Percebe-se que a sociedade vem sofrendo profundas modificações nos modos de pensar e agir, assim o é também com as representações de corpo, que sofrem influência dos diferentes contextos e discursos, e permitem, sem dúvida, inúmeras e distintas interpretações. Le Breton (2007) afirma que o corpo é resultado de uma

construção cultural, o que pode ser percebido na educação, por exemplo, no modo como se ensinam meninas e meninos, ou ainda, em culturas distintas, o modo como se constituem e educam corpos na África, são diferentes do Brasil, e assim por diante.

Pode-se, então, dizer que a cultura de cada sociedade determina o corpo, produzindo seus próprios padrões de beleza, saúde, sexualidade, postura e ancoram os modos como se constroem masculinidades e feminilidades (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Goellner (2003) traz uma importante reflexão no sentido de pensar o corpo como tudo aquilo que ele produz no encontro com o outro e com tudo o que a ele é acoplado, o corpo é sempre redescoberto e reinventado, o que o define são os significados culturais e sociais a ele atribuídos, ele é constantemente afetado por elementos ao seu redor e pode sofrer atravessamentos da religião, família, classe social, geração, nacionalidade, etnia, entre tantos outros marcadores sociais.

É possível pensar no corpo como um conjunto de órgãos, em tensionamento com desejos, necessidades, sentimentos, ou seja, um compartilhamento entre esses elementos, assim como outros a ele conectados. Para Le Breton (2007), o corpo deve ser visto como um campo de interação entre o coletivo e o individual, entre cultura e natureza, entre o fisiológico e o simbólico. “As diferenças biológicas constituem os traços estruturais em torno dos quais as sociedades humanas acrescentam diversos detalhes para definir socialmente o que significa o homem e o que significa a mulher” (FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 880).

Igualmente, percebe-se que o corpo não é algo totalmente distante de processos, como os sociais, culturais e psicológicos. Goellner (2003) salienta que é preciso enxergar o corpo como algo produzido na e pela cultura, e romper com o olhar naturalista que geralmente é usado para definir e classificar o corpo, assim mostrando que o corpo é histórico. Antunes (2010, p. 66) afirma que o corpo não pode determinar o estado da mente e vice-versa, “a determinação da mente e o desejo e determinação do corpo são uma só coisa. Pois não existem dois processos e duas identidades”.

Louro (2000) alude que ainda se vive em uma tradição de multiplicação e afirmação das polaridades, em que natureza e cultura estão separadas, e o corpo, por vezes, é encarado sob a ótica da natureza e negligenciado na cultura e no social. Muitos ainda acreditam que o corpo é “dado” ao nascer e, a partir dali, “naturalmente” deverá seguir o que está pré-determinado, cumprindo as marcas da distinção.

Nessa perspectiva, o corpo não é "dado", mas sim produzido, cultural e discursivamente, e, nesse processo, ele adquire as "marcas" da cultura, tornando-se distinto. As formas de intervir nos corpos, ou de reconhecer a intervenção, irão variar conforme a perspectiva assumida (LOURO, 2000, p. 61).

Em outra perspectiva, Goellner (2003, p. 28-29) afirma que “o corpo é provisório, mutável e mutante, mas por outro lado ele também é o que se diz dele, ou seja, é também construído pela linguagem”.

A problematização da vida de travestis, em relação ao envelhecimento do corpo, aponta para um conjunto de singularidades e a construção de identidades faz uma interface direta com a construção do corpo.

Corpo e identidade se relacionam na construção social dos esquemas de inteligibilidade e dos comportamentos considerados normais ou desviantes. A identidade social não pode mais ser compreendida como algo desencarnado, pois ela é corpórea desde antes mesmo de nossa concepção (MISKOLCI, 2005, p. 2).

“O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2000, p. 15). Apesar disso, a autora pondera que a identidade é relacional e marcada pela diferença, ela se distingue por aquilo que não é. A identidade é abalizada por condições sociais, materiais e simbólicas e há uma grande vinculação entre a identidade das pessoas com suas roupas e seus hábitos, talvez por isso haja uma grande fantasia acerca da construção das identidades de travestis.

Não obstante, os corpos tornam-se uma construção social e cultural através do tempo, das gerações, “por isso os corpos, além de sua forma e natureza humana, diferenciam-se em cada período histórico no seu existir biossocial” (MOTTA, 2002, p. 38). Então, ao falar do corpo, se esta também falando da identidade, afinal o corpo assume uma grande importância, em vista disso, percebe-se a enorme oferta e demanda de produtos e serviços relacionados ao corpo, seja para o cuidado, construção, juventude, entre outros (GOELLNER, 2003).

A travesti utiliza-se, comumente, do corpo como instrumento de transmissão de suas técnicas, o corpo age como um modo de comunicação não verbal e é nele e por meio dele “que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem às pessoas suas qualidades sociais” (BENEDETTI, 2005, p. 55). Nos trabalhos de Siqueira (2009), Antunes (2010), Benedetti (2005), Costa (2013) e Souza et al. (2014),

observa-se, nos relatos de suas interlocutoras, que as travestis mais velhas têm importante papel na fabricação do corpo das travestis mais novas, as mais velhas tornam-se uma referência para as mais jovens, inclusive no que se refere ao envelhecimento, dado que junto vem a experiência das mais velhas, que somente os anos vividos lhes conferem.

Este corpo que foi, e continua sendo, esquadrihado, reconstruído, estigmatizado e (des) montado por discursos plurais pode ser compreendido a partir do olhar e discurso produzido pelas travestis. Interpelando sobre seus corpos vividos é possível acessar diversas formas de travestilidades. É possível também problematizar a instauração de uma realidade corporal que extrapola os padrões conhecidos e traz à tona questões relativas às formas que o corpo pode ser articulado, para se adequar e/ou romper com o modelo heteronormativo (COSTA, 2013, p. 45).

O corpo, para elas, tem um peso importante nos seus relacionamentos e é interpelado como objeto de uma cultura que vangloria a estética da aparência, da juventude e da forma física. Já que utilizam o corpo como elemento capital, com o processo de envelhecimento isso pode ser um problema. “Em uma cultura como a brasileira, em que o corpo é um capital, o envelhecimento parece ser vivido como um momento de grandes perdas (de capital)” (GOLDENBERG, 2008, p. 37).

O cuidado com a estética do corpo, para as travestis, em muito supera até mesmo o cuidado com a saúde. A exemplo disso, sabe-se que, para deixar o corpo com formas mais arredondadas e compatíveis com a ideia estereotipada de corpo feminino, muitas delas sujeitam-se ao uso de silicone industrial, quase sempre aplicado por uma travesti mais velha. Essa transformação do corpo talvez seja o ápice para o preconceito e também para a violência contra as travestis (SILVA, 1993).

Antunes (2010) refere que o processo de construção do corpo da travesti inicia cedo, por volta dos 12 anos de idade, quando as características mais fáceis de modelar são as unhas, o rosto e os cabelos. O uso de unhas compridas e esmalte são, claramente, características simbólicas do que se tem como referência do universo feminino, assim como outras características, como a maquiagem com rímel, delineador marcado e blush e, ainda, o batom vermelho, que para elas também representa um sinal de feminilidade e uma arma poderosa de sedução. Aos poucos, a metamorfose começa a acontecer e perdura por uma vida toda.

Siqueira (2009) afirma que, ao longo de sua pesquisa com as “travestis das antigas”, elas referem questões relativas à construção de sua imagem e algumas

classificações até tornarem-se travestis, como, por exemplo, ‘gayzinho’, ‘boyzinho’, ‘bichinha’.

Expressões e formas de classificações êmicas que traduzem formas de pensar o corpo em suas dimensões temporais, que nos remetem às transformações subjetivas e corporais, mas que também dão conta, em certos aspectos, de determinados estilos de vida, itinerários urbanos e formas de sociabilidade no âmbito de contextos históricos, sociais e urbanos específicos (SIQUEIRA, 2009, p. 323).

Portanto, percebe-se que o corpo tem um grande significado na vida das travestis, esse corpo cambiante permite, por meio da conexão de características tidas como femininas, uma compreensão ampliada da fabricação e construção do gênero desses sujeitos (BENEDETTI, 2005).

2.3 ENVELHECIMENTO E TRAVESTILIDADE

O processo de envelhecimento gera muitas mudanças, contudo, ao pensar sobre o assunto, a referência é, na maioria das vezes, relativa aos processos de acuidade orgânica, mas, além disso, deve-se atentar para as mudanças psicológicas, sociais e, também, culturais que envolvem cada sujeito.

Estudos sobre o envelhecimento demarcaram o último século, em que um grande número de pesquisadores passou a estudar e compreender as condições sociais das pessoas idosas. Até o século XIX, a velhice era vista somente por sua relação com doenças, ou mesmo pelos aspectos financeiros aquém de suas necessidades (DEBERT, 1999). Essas questões permeiam a história e nascimento das especialidades de geriatria e gerontologia, áreas que estão interligadas, dado que o saber médico, enquanto especialidade para estudos relativos ao envelhecimento, abriu espaço para as demais áreas (GROISMAN, 2002).

Para Silva (2008), o discurso geriátrico demarca a distinção entre a velhice e os outros ciclos da vida. A gerontologia surge como disciplina especializada e é bem mais complexa e difusa que a geriatria. Inicialmente estava ligada ao campo da medicina, nos estudos que tratavam do prolongamento da vida e, somente com o decorrer do século XX, com o aumento da demografia, a entrada das ciências sociais e humanas permitiu que a gerontologia se difundisse como uma disciplina multidisciplinar, refletindo também sobre os aspectos psicossociais relativos ao envelhecimento. Groisman (2002) faz uma crítica ao afirmar que a gerontologia,

enquanto disciplina científica, por ser ampla e complexa, encontra dificuldade em sustentar suas formulações enquanto campo de saber, bem como quanto à definição de seu objeto de estudo. Essas incertezas têm relação direta com a dificuldade de encontrar os limites entre o normal e o patológico, discussão que a sociedade impõe como necessária.

Dessa forma, a única certeza que se tem é que o processo de envelhecimento gera profundas mudanças na constituição de cada sujeito, todas as pessoas envelhecem e isso é um fato; só não envelhece aquele que morre antes. Sabe-se que até mesmo um simples objeto pode envelhecer e, com o passar dos anos, as mudanças do processo de envelhecimento deixam marcas. O mesmo acontece com o ser humano, com o passar dos anos cada sujeito vai sendo marcado, assim como vai deixando suas marcas, que podem ser visíveis ou não. Por isso, como o gênero, as discussões em torno do processo de envelhecimento, como as ligadas com as demarcações de idade, estão colocadas como “natural”. Felizmente esse paradigma vem sendo rompido e se estabelecendo novas maneiras de pensar tanto o gênero como o envelhecimento (COSTA, 2013).

Todos os processos que envolvem os ciclos de vida, experimentados pelos seres humanos desde o seu nascimento, são complexos, e complexo também é o processo de envelhecimento (MINAYO; COIMBRA JR., 2002). Apesar de ser um processo complexo, é geralmente encarado e definido pelas características biológicas inerentes a ele, como os desgastes, limitações, perdas físicas e de papéis sociais e ocupacionais, é comum, ainda, encarar esse período apenas como uma espera para a morte. Em geral, as perdas são relacionadas aos problemas de saúde, os quais refletem diretamente na aparência do corpo, ocasionando rugas, marcas, cicatrizes, cabelos brancos, lentificação, entre outros (MOTTA, 2002). “Na base da rejeição ou da exaltação acrítica da velhice, existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, a doença, o afastamento e a dependência” (NERI; FREIRE, 2000, p. 8).

É um tanto complexo pensar nesse período da vida apenas por componentes e estruturas anatômicas e biológicas, é preciso entender e conhecer o contexto de cada sujeito que vivencia seu processo de envelhecimento e levar em consideração que questões como gênero, raça, etnia e classe social são também determinantes. As mudanças relativas ao envelhecimento acontecem de maneira gradual e heterogênea e variam de um indivíduo para o outro, alguns encaram de forma tranquila e outros

nem tanto. Aqui, cabe ressaltar o que Beauvoir (1990, p. 266) afirma: “a dificuldade de encarar a própria velhice com suas limitações e angústias é talvez, a mesma dificuldade de se pensar o futuro; de se ter consciência da passagem do tempo e da existência”.

Nesse sentido, é preciso investir na posituação do envelhecimento e aderir a esse período da vida não apenas as questões relacionadas às perdas, mas pensar que esta pode ser encarada como uma fase de um tempo produtivo específico da vida, emocional, intelectual e social. Dessa forma, é possível superar os estigmas e a discriminação. Malograr o envelhecimento faz com que os próprios sujeitos velhos encarem esse período como ruim e invistam seu tempo buscando a juventude “perdida” (FARINATTI, 2006; MINAYO; COIMBRA JR., 2002).

Os discursos em torno do envelhecimento têm grande influência para a negação dessa fase da vida, ou ainda para determinar discursos dominantes e normatizantes, como, por exemplo, de velhice ativa, na qual todos devem estar em constante atividade, participando de diversificadas ações que a sociedade acredita ser importantes para eles, ou seja, ao chegar à velhice, as pessoas devem participar de grupos de atividades, de bailes, excursões, fazer exercício físico e outra infinidade de ações difundidas. Por vezes, esses discursos naturalizantes e normatizantes sobre a velhice implicam pensar sobre o ser humano como máquina, programado para nascer, crescer e morrer, simplificando o ser humano apenas como um corpo, um corpo-máquina, esquecendo que somos sujeitos de desejo (MOTTA, 2012).

Atualmente, o campo da gerontologia tem se dedicado a enfatizar de maneira positiva os ganhos que o envelhecimento traz. Essa etapa da vida é considerada uma fase privilegiada para efetivar novas conquistas, buscar satisfação, prazer e realizações pessoais. Aos que envelhecem, há a oportunidade de rever projetos, estabelecer novas relações, até mesmo adentrar no mundo dos mais jovens. “Um conjunto de discursos empenhados em rever estereótipos negativos da velhice abre espaço para que experiências bem-sucedidas de envelhecimento possam ser vividas coletivamente” (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 39).

No que se refere ao envelhecimento vivenciado por travestis, Siqueira (2004) aponta que elas vão percebendo esse processo por meio de marcas que começam a aparecer no corpo, no rosto. O próprio cotidiano dessas pessoas é afetado por questões intrínsecas do envelhecimento que atrapalham, de alguma forma, a construção da travestilidade. Por outro lado, essa passagem no tempo possibilita a

ascensão a um outro status na sociedade, ou seja, a posição de ser tomada como uma “senhora”. Nessa perspectiva, a velhice é reinventada de uma forma positivada, ou seja, ao ser identificada como uma senhora, talvez seja a primeira vez que as travestis tenham atendidos os direitos garantidos por lei a essa parcela da população brasileira.

Não obstante, outra questão que tem lugar destacado no processo do envelhecer travesti está ligada à incapacidade física, principalmente para aquelas que são artistas, que sofrem não só por medo de perder o corpo saudável, mas também pela questão cultural difundida do modelo normativo de beleza e juventude. Kulick (2008), em sua pesquisa com travestis que trabalhavam com prostituição, refere que as trans precisam manter pelo máximo de tempo possível um corpo saudável, belo e atraente para conseguirem se manter “na batalha” e, assim, terem seu sustento garantido. Benedetti (2005) afirma que muitas travestis quando chegam à velhice, por não conseguirem mais se manter na prostituição em função dos declínios do corpo relativos aos processos de envelhecimento, tornam-se “bombadeiras” e auxiliam as travestis mais novas na construção do corpo, injetando silicone líquido para deixá-lo mais parecido com as formas femininas tomadas como padrão.

Outro receio relativo ao processo de envelhecimento, como aponta Navas (2011) em sua pesquisa, é o de que envelheçam sozinhas, sem família, amigos, enfim, sem uma rede de suporte e apoio, realidade essa vivenciada por muitas pessoas idosas hoje. Nesse contexto,

Pode-se dizer então que o processo de envelhecimento não limita a uma visão biológica, perpassa por uma construção social que recebe diversas configurações ligadas a visão de mundo de grupos que partilham práticas, crenças e valores, e estão relacionadas às relações de poder, à sexualidade e à posição de gênero (NOGUEIRA, 2013, p. 25).

Ao passarem por toda a vida se construindo a partir de referenciais estéticos, pensar o envelhecer de travestis torna-se algo de extrema representatividade, visto que já há uma referência do que é envelhecer para heterossexuais, mas para travestis e demais membros do segmento LGBT talvez ainda não, já que muitos acabam morrendo em função da AIDS e outros, uma grande maioria, em função da extrema violência e intolerância, e assim não envelhecem (NAVAS, 2011).

Nesse sentido, importa destacar que o Brasil é o país que mais mata sujeitos trans no mundo. Conforme pesquisa realizada pela Transgender Europe (2016),

organização não governamental, nos anos de 2008 a 2015, das 2.106 mortes em 65 países, no Brasil foram 802 mortes, seguido do México com 229 e EUA com 132. Tem-se, com isso, um triste recorde no Brasil. Outro documento importante e que faz pensar sobre o envelhecimento de travestis é o Relatório sobre Violência Homofóbica no país, esse documento aponta que as travestis, entre a população LGBT, são as mais vitimadas pela violência, sendo que 30% tinham até 18 anos e um pouco mais de 90% entre 19 e 30 anos, o que sugere que a população trans, além de todas as outras questões que perpassam sua vida, tem dificuldade de chegar à velhice, muito em função da violência que sofrem (BRASIL, 2012). Dessa forma, é preciso compreender o envelhecimento das travestis como processo social e político, que fuja do fundamentalismo enraizado dos discursos normatizantes, que nega e marginaliza todo aquele que foge à norma.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Antes de dar início a apresentação e justificativa dos caminhos metodológicos utilizados nessa dissertação, para atingir os objetivos propostos, cabe mencionar que aqui encontra-se a metodologia na sua íntegra, incluindo o tipo de estudo, técnicas de pesquisa e análise de dados, ampliando a discussão para as potencialidades e dificuldades enfrentadas nesse processo. No artigo apresentado, a metodologia encontra-se em um formato mais sintético e objetivo, indo ao encontro do que solicita as normas da revista, a qual o mesmo será submetido (anexo B).

3.1 TIPO DE ESTUDO

Optou-se por utilizar uma abordagem qualitativa, que foi escolhida por permitir a obtenção de resultados profundos na abordagem com as participantes, resultando na visão ampliada do tema proposto. A tendência da pesquisa qualitativa é situar o pesquisador no mundo dos sujeitos observados, aprofundando-se nos significados das ações e relações humanas não compreensíveis e não capturadas em dados estatísticos. Ela não pretende mensurar fenômenos em grandes grupos, mas sim entender o contexto em que determinados fenômenos sociais acontecem (DENZIN; LINCOLN, 2006; MINAYO, 2009).

Para Richardson (1999), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de compreender minuciosamente significados e características situacionais apresentados pelos participantes da pesquisa, o autor menciona, ainda, que tal abordagem permite trabalhar com aspectos da subjetividade dos pesquisados em um vasto campo de significados. Assim sendo, a pesquisa qualitativa não está preocupada em contar o número de vezes que as variáveis aparecem, e sim com a qualidade que apresentam, ela valoriza todo o processo de pesquisa e não apenas o produto final (LEOPARDI, 2001).

Por fim, Flick (2009) aponta que a pesquisa qualitativa tem importante relevância para os estudos das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida, e essa pluralização exige sensibilidade para o estudo empírico das questões.

3.2 INCURSÕES NO CAMPO

Após a escolha da abordagem qualitativa, iniciou-se minha construção singular como pesquisadora, a partir da incursão no campo de pesquisa, e, assim, começou a tessitura do estudo a partir do contato inicial com as participantes. A tarefa de pesquisar travestis foi um grande desafio, visto que não estava imersa em nenhum tipo de movimento social ou político que permitisse alinhar relações de finesses emotivas com esses grupos.

Os primeiros contatos com o campo de pesquisa foram de dúvidas e incertezas, onde começar a busca das possíveis participantes, a entrada no campo teve como ocorrência principal o marco das redes sociais de relacionamento virtual (*Facebook, Instagram*). Foram realizados muitos contatos, porém pouco exitosos e muito tímidos, a maioria das travestis contatadas não retornava o contato ou, ainda, algumas marcavam um possível encontro, no entanto, no dia, acabavam desmarcando e não mais atendendo ou retornando ligações ou mensagens, o que dificultou, mas não foi um empecilho para entrada no campo e início de subjetivos saberes.

3.3 POPULAÇÃO

As participantes dessa pesquisa somaram cinco (5) travestis, com idades entre 23 e 50 anos, vinculadas a diferentes profissões, como: 1) nutricionista e estudante de pós-graduação, 2) atendente de boate e estudante de curso técnico, 3) vendedora em supermercado e estudante de Direito, 4) prestadora de serviços gerais em empresa privada e 5) ocupante de Cargo de confiança na prefeitura da cidade que reside. As participantes serão aqui denominadas como, Participante 1, Participante 2 e, assim, sucessivamente, até Participante 5.

Incluiu-se, pessoas que se identificavam como travestis e que residiam na cidade do estudo, no momento da pesquisa. Excluiu-se menores de 18 anos e as que se negaram a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A). Além disso, o número das colaboradoras da pesquisa esteve atrelado às travestis que se disponibilizaram a participar voluntariamente do estudo.

3.4 PRODUÇÃO DE FONTES DE PESQUISA

Com o intuito de responder às questões norteadoras dessa pesquisa, utilizou-se, para a realização da mesma, entrevistas abertas em profundidade como técnica de pesquisa. As entrevistas ocorreram em locais pactuados entre entrevistadas e entrevistadora, conforme a disponibilidade de tempo das participantes, salienta-se que das cinco, três delas me receberam em suas casas e 2 em seus ambientes de trabalho. Foi muito importante ter a oportunidade de conhecer seus locais de moradia e trabalho e, dessa forma, ter a possibilidade de conhecer um pouco mais da singularidade de cada uma, bem como, possibilitaram a formação de vínculo, facilitando o acesso as pesquisadas, deixando assim “portas abertas” para retornar quando necessário. As entrevistas duraram em média uma hora e meia, o clima com as participantes sempre se deu de maneira muito afetuosa e respeitosa, entre um café e outro, um sorriso e outro, as histórias iam tomando forma e se encaminhando para trilhar um trabalho rico de histórias de vida.

Gaskell (2002) e Minayo (2010) mencionam que as entrevistas têm importante papel em um estudo e podem melhorar a qualidade do delineamento de um levantamento e de sua interpretação. Elas são encaradas como um meio privilegiado para interações sociais e estão sujeitas às mesmas relações estabelecidas na sociedade. As entrevistas abertas ou em profundidade são aquelas em que o entrevistado é convidado a falar livremente sobre o tema proposto, e o pesquisador apenas interfere para aprofundar determinadas reflexões. A compreensão em maior profundidade, oferecida pelas entrevistas, fornecem informação valiosa na ajuda das explicações sobre os achados específicos. Dessa forma, elas se apresentam como uma representação da realidade.

Nas entrevistas abertas, não há uma rigidez cronológica dos temas abordados, a frequência com que determinado assunto aparece vai ao encontro dos interesses, preocupações e desejos do interlocutor. Em geral, os dados produzidos tendem a ser numerosos, densos e muito profundos, já que, com essa técnica, é possível atingir assuntos inatingíveis em outras técnicas de pesquisas (MINAYO, 2010).

As entrevistas foram conduzidas individualmente e seguiram um roteiro previamente organizado, com os temas a serem explorados, foram registradas em aparelho gravador, mediante a autorização das pesquisadas, e, posteriormente, foram transcritas na íntegra, em formato de texto, para após passarem por um longo processo de apreciação e análise.

Flick (2009) pondera que as transcrições não devem ser excessivamente exatas, já que isso desgasta tempo e energia, e o verdadeiro significado dos dados pode ficar oculto ao invés de revelado, quando for decorrente de um processo resultante de protocolos demasiadamente rígidos. Deve-se pensar que o sistema de transcrição deve ser razoável de escrever, de ler e compreender, ou seja, fácil de pesquisar. O período da coleta de dados ocorreu de dezembro de 2016 a maio de 2017.

3.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após a transcrição das entrevistas, deu-se início a análise e interpretação dos dados, considerando que esta é a essência da pesquisa qualitativa, mesmo que seja encarada por maneiras diferentes nas diversas abordagens, ela tem a função de desenvolvimento da teoria e serve também de base para a coleta de dados adicionais, se for o caso (FLICK, 2009). Como proposta de interpretação dos dados desta pesquisa, utilizou-se o Método de Interpretação de Sentidos, que, conforme Minayo (2009), trata da “perspectiva das correntes compreensivas das ciências sociais que analisa, palavras, ações, conjunto de inter-relações, grupos, instituições, conjunturas dentre outros corpos analíticos” (GOMES et al., 2005 apud MINAYO, 2009, p. 97).

Seguindo, então, os preceitos metodológicos do Método de Interpretação dos Sentidos, deu-se início às três etapas que dele fazem parte. A primeira etapa, consistiu na leitura compreensiva do material, na qual se busca uma compreensão das particularidades do mesmo. Após a leitura inicial, deve-se ser capaz de descrever o material com a perspectiva dos autores e informações coletadas, “a montagem da estrutura de análise envolve categorização e distribuição das unidades que compõem o material” (MINAYO, 2009, p. 100). A segunda etapa da análise de dados está relacionada à exploração do material. Nessa etapa é importante enxergar além do que está claro nas falas e fatos, é necessário compreender o que está implícito. Para isso, é importante seguir alguns critérios, como a identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas no texto, buscar os sentidos mais amplos atribuídos às ideias, dialogar com as ideias problematizadas e relacioná-las com outros estudos do mesmo assunto e com o referencial teórico da pesquisa. A terceira e última etapa é o final da interpretação e chama-se elaboração de síntese interpretativa. Nessa fase deve haver um tensionamento entre os objetivos do estudo, a base teórica adotada e os dados

empíricos encontrados na pesquisa (MINAYO, 2009). A partir dessas três etapas surgiram duas categorias principais: **Corpos Performativos e Travestilidades: representações sobre corpo e envelhecimento**, que serão discutidas a seguir no item 4, apresentação dos resultados.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Seguindo as normas que regulamentam a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e as pesquisas envolvendo seres humanos em acordo com a Resolução nº 466/12, este projeto foi registrado no Gabinete de Projetos do Centro de Educação Física e Desportos. Em seguida, submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM e aprovado sob o CAAE 60305816.8.0000.5346 e parecer nº 1.772.046.

Cada colaboradora recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apêndice A, documento que continha as informações sobre a pesquisa, como o tema, os objetivos e procedimentos adotados. As participantes foram informadas sobre a liberdade de retirar o consentimento e deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízos.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 ARTIGO I - ENVELHECIMENTO E PERFORMATIVIDADE DOS CORPOS TRAVESTIS

Este capítulo é apresentado de acordo com as normas para publicação na **Revista Ciências e Saúde Coletiva**.⁶

⁶ As normas, à que o artigo foi submetido, encontram-se no anexo B e no site da revista: <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/submissao/recomendacoes-para-a-submissao-de-artigos/3>>.

Envelhecimento e performatividade dos corpos travestis

Ageing and performativity of bodies transvestites

Bruna Rodrigues Maziero¹

Angelita Alice Jaeger²

Resumo: Essa pesquisa tem como objetivo compreender as representações de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões em uma cidade do interior do RS, o que merecem destaque, por comporem um grupo social de alta vulnerabilidade. Assim, pouco se conhece sobre o processo de envelhecimento e corpo delas, a partir de suas próprias representações. A condução metodológica do trabalho foi orientada pela abordagem qualitativa, e para produção das fontes de pesquisa, utilizou-se a técnica de entrevistas em profundidade. Percebeu-se, a partir dessa pesquisa, que as travestis constroem ao longo de suas vidas, um corpo performático, rompendo a dualidade da heteronormatividade, esse corpo, é representado por elas, como um local de produção de relações sociais com o outro. Sobre o envelhecimento, há preocupação com a possibilidade de envelhecerem sozinhas, sem família e/ou companheiros, sem estabilidade financeira e ainda há o medo da perda do corpo jovem. Contudo, não há interesse em esgotar a temática pesquisada, tampouco chegar a conclusões taxativas, mas sim possibilitar a ampliação da discussão.

Palavras-chave: Corpo, Envelhecimento, Gênero, Travestis.

Abstract: That research has as objective understands the body representations and transvestites' ageing that act in different professions in a city of the interior of RS, what deserves prominence,

¹ Centro Universitário Franciscano. Rua Andradadas, nº 1614, Bairro Centro, Santa Maria, RS, Brasil. CEP: 97.060-267. E-mail: brunarmaziero@gmail.com

² Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

for forming a social group of high vulnerability. Like this, little it is known on the ageing process and body of them, starting from their own representations. The methodological transport of the work was guided by the qualitative approach, and for production of the research sources, the technique of interviews was used in depth. It was noticed, starting from that research, that the transvestites build along their lives, a body performative, breaking the duality of the heteronormativity, that body, it is represented by them, as a place of production of social relationships with the other. On the ageing, there is concern with the possibility of they age alone, without family and/or companions, without financial stability and there is still the fear of the loss of the young body. However, there is no interest in exhaust the researched theme, nor reach categorical conclusions, but to make possible the enlargement of the discussion.

Keywords: Ageing. Body. Genre. Transvestites.

Introdução

O presente artigo é fruto de uma dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria, cujo objetivo central compreender as representações de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul (RS). O sistema de representações inclui as práticas de significação e as redes simbólicas, onde os significados ganham propriedade e são produzidos, possibilitando constituir nossas identidades individuais e coletivas¹.

Com relação a pesquisa sobre experiências travestis, Amaral et al.² afirmam que esta ganhou visibilidade a partir dos anos 2000. As delimitações dos temas são diversificadas e concentram-se, principalmente, na relação saúde-doença, relacionadas ao uso de drogas, criminalidade, HIV/AIDS e ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis). Outra temática amplamente pesquisada está relacionada ao corpo cambiante das travestis, seguido do gênero,

identidade e prostituição. “Durante muito tempo as experiências travestis foram - e em algumas discussões continuam sendo - intimamente relacionadas à prostituição”². É preciso pensar em novos modos de construção desses indivíduos, de maneira que sejam vistos como cidadãos e não somente um corpo-produto de consumo. Nesse sentido, esse estudo tem como foco as travestis que atuam em distintas profissões, buscando aquelas que atualmente estão inseridas no mercado formal de trabalho, no entanto, não foi um critério de exclusão ser profissional do sexo.

Destaca-se que existem pesquisas recentes e menos frequentes no que se refere à adolescência, violência, educação, relações conjugais, etnia, religião e ao envelhecimento, este relacionado com a temática desse estudo. É relevante citar importantes pesquisas relacionadas às travestis, ressaltando alguns pesquisadores, tais como, Hélio Silva³, Marcos Benedetti⁴, Don Kulick⁵, Juliana Coelho⁶, Mônica Siqueira^{7,8}, Larissa Pelúcio⁹ e Martha Souza et al.¹⁰.

Benedetti⁴ aponta que as travestis são pessoas que modificam propositalmente seu corpo e o tornam mais parecido com o de uma mulher, se vestem e agem como pessoas do gênero feminino, porém não desejam recorrer à cirurgia para a retirada do órgão genital masculino. Butler¹¹ afirma que “as travestis subvertem inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos internos e externos, e zombam efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade de gênero”. O corpo, para elas, tem um peso importante nos seus relacionamentos e é interpelado como objeto de uma cultura que vangloria a estética da aparência, da juventude e da forma física¹².

A performatividade que constrói o corpo das travestis sugere que gênero e corpo são performativos, não tendo um status ontológico separado, “o corpo é uma significação de superfície que contesta e desloca a própria distinção interno/externo, a imagem de um espaço psíquico interno inscrito sobre o corpo como significação social que renuncia perpetuamente a

si mesma como tal”¹¹. O corpo, através de sua performance, faz interface direta com todos os relacionamentos vivenciados no decorrer da existência, sobretudo na experiência travesti.

As travestis são um grupo social que está exposto a diferentes modos de vulnerabilidade, característica atribuída a certas categorias da população consideradas mais expostas e menos capazes de se defender contra abusos e maus-tratos realizados por outros¹³. Elas carregam consigo um estereótipo, marca de uma sociedade que culturalmente acreditou no binarismo do gênero e que, ao longo da história, relegou às margens aqueles que resistiam a essas determinações sociais.

O envelhecimento, por sua vez, também carrega marcas do estigma social, visto que se acostumou a pensar, negar o velho em detrimento do novo, e somente o novo é considerado bom e produtivo a sociedade. Entende-se que as representações sobre o envelhecimento estão mudando, sendo compreendido de maneira heterogênea, distanciando-se dos conceitos de declínios, permitindo que novas experiências relativas ao envelhecimento possam ser vividas coletivamente.

Sabe-se que a expectativa de vida do grupo social em questão é baixa, de acordo com o IBGE de 2013, não passa dos 35 anos, menos da metade da média nacional da população e, em geral, morrem vítima de violência, 44% delas morrem com até 30 anos¹⁴. Diante disso, é importante ter um espaço para vivências de representações do tema, possibilitando que travestis falem de si e sobre si, pensar acerca do corpo e do processo do envelhecer travesti requer incursões a partir de seus depoimentos e fragmentos de suas histórias de vida, engendrando à complexidade dessas pessoas.

Percurso da investigação

A abordagem qualitativa ancora o presente estudo, cuja escolha se deu em razão da possibilidade de obtenção de resultados profundos com as participantes, resultando na visão

ampliada do tema proposto. O uso dessa é importante, principalmente, quando o grupo pesquisado se trata de um grupo social vulnerável, ela permite visibilizar e dar voz à essas pessoas por meio de suas histórias e relatos. A abordagem qualitativa, nesse campo de pesquisa, se justifica por trabalhar com o universo de significados, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis¹⁵.

O estudo aconteceu em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 300.000 habitantes. As participantes foram cinco travestis, com idades entre 23 e 50 anos, vinculadas a diferentes profissões, como nutricionista e estudante de pós graduação; atendente de boate e estudante de curso técnico; vendedora em supermercado e estudante de Direito; e prestadora de serviços gerais e ocupante de cargo de confiança no poder legislativo do município, são provenientes de cidades do interior do Rio Grande do Sul e serão, aqui, denominadas como Participante 1, 2 e assim sucessivamente até Participante 5.

Incluiu-se pessoas que se identificavam como travestis e que residiam na cidade do estudo, no momento da pesquisa. Excluiu-se menores de 18 anos e as que se negaram a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Com o intuito de responder ao objetivo do estudo, utilizou-se, para a realização do mesmo, entrevistas abertas em profundidade, como técnica de pesquisa. As entrevistas ocorreram em locais previamente pactuados com as participantes. Gaskell¹⁶ e Minayo¹⁵ mencionam que as entrevistas abertas ou em profundidade são aquelas em que o entrevistado é convidado a falar livremente sobre o tema proposto e o pesquisador apenas interfere para aprofundar determinadas reflexões.

As entrevistas foram conduzidas individualmente e tiveram duração média de uma hora a uma hora e meia, sendo que três participantes as concederam em suas casas e duas em seus locais de trabalho. Seguiram um roteiro previamente organizado, com os temas a serem

explorados, como corpo, profissão, gênero e envelhecimento, e foram registradas em um dispositivo digital, mediante a autorização das participantes, e, posteriormente, foram transcritas na íntegra, digitadas em formato de texto, para serem interpretadas e analisadas. O período da produção das fontes de pesquisa ocorreu de dezembro de 2016 a maio de 2017.

Após a transcrição das entrevistas deu-se início a elaboração dos resultados e análises a partir do método de interpretação dos sentidos, que ocorreu em três etapas: na primeira realizou-se a leitura compreensiva do material; na segunda etapa recortou-se os fragmentos de depoimentos e neles identificou-se as ideias explícitas e implícitas; e na terceira etapa buscou-se sentidos mais amplos que articulassem com a teoria¹⁵. Após a análise das fontes de pesquisa, chegou-se a duas principais categorias que são apresentadas nos resultados e discussão.

O estudo respeita a Resolução nº 466/12 e foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria sob o CAAE 60305816.8.0000.5346 e parecer número 1.772.046.

Resultados e discussão

Corpos performativos

Esta categoria discorrerá os aspectos relativos ao corpo das travestis participantes do estudo. O corpo por muito tempo foi pensado como sendo apenas um conjunto de sistemas biológicos que auxiliam no processo de desenvolvimento humano, porém essa ideia biológica somou-se à questões sociais, culturais e psicológicas e, assim, percebeu-se que o corpo é, como afirma Goellner¹⁷, produto de algo construído na e pela cultura, ele é sobretudo histórico, e deve ser visto além do biológico, já que é também a roupa, os adornos, todas as intervenções que nele operam, as representações que se produz a partir dele, enfim, o corpo é “um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas”.

Pode-se pensar que o corpo das travestis se constrói nessa ampla complexidade de conexões biológicas, culturais, sociais, e ele tem importância significativa, dado que nele que são acopladas as características femininas. Para as entrevistadas, percebe-se que o corpo possui envolvimento singular nas suas relações. “É um ramo que trabalha com o corpo e tu tem que investir no teu corpo. No caso da travesti, é o corpo, então tem que investir nele” (Participante 5). “O meu corpo passou a ser uma das coisas importantes. E hoje, pela minha profissão, eu considero ele importante, eu acho que é pelo fato dos outros se importarem, dos outros verem isso, porque as pessoas julgam” (Participante 2).

Afirmam, ainda, perceber que seus corpos produzem sentidos na relação com o outro, que o olhar do outro produz demanda de importância, principalmente ao se referirem à figura de homens. “Os homens acabam tendo essa importância sabe? Do corpo, de ter, essa estrutura né, quanto mais feminina, quanto mais mulher. Atrai. Então a gente se importa!” (Participante 2). “O homem sempre gosta duma coisa mais bonita. Tipo um corpinho mais ajeitado. O homem gosta daquela coisa assim, a mulher, mas com algo entendeu? Porque o homem sempre vai ser curioso, não adianta” (Participante 3).

A experiência travesti é um fenômeno que transita sobre as representações simbólicas sociais, trazendo a elas uma imanência, o corpo é uma forma identificatória de gênero. As transformações e modificações performativas do corpo desafiam, ou zombam do gênero, à medida que implode com as condições biológicas ditas do universo masculino¹¹. O corpo é tudo aquilo que produz no encontro com o outro, e com tudo o que a ele é acoplado, é sempre redescoberto e reinventado e constantemente afetado por elementos ao seu redor, sofrendo distintos atravessamentos sociais¹⁷. Ao encontro dessa discussão, segue o relato: “Então, eu queria ter o corpo assemelhado ao corpo de mulher, que o sexo, eu nasci masculino, mas o corpo afeminado sempre tive, acho que desde a adolescência” (Participante 2).

Com relação à arquitetura¹⁸ e modelagem do corpo, esta torna-se correlacional à formatação com o que é dito ou tido como um corpo feminino, para as entrevistadas, percebe-se que o tempo foi singular para esse início de transição, algumas acenam que desde crianças gostavam de vestir roupas ditas femininas, outras dizem que a transição começou mais tarde, já na vida adulta, relacionada à função da aceitação familiar. Pelúcio¹⁹ salienta que a transformação, de fato, ocorre, geralmente, fora do ambiente familiar. No que se refere ao relacionamento familiar, as participantes relatam que, atualmente, possuem boa convivência com seus entes, contudo, afirmam que, no processo de transição e transformação, tiveram muitos desentendimentos e resistências. “O desrespeito que já começa no teu núcleo familiar, a tua família te expulsa, tive problemas, como acontece com a maioria da população trans e LBGT, acabamos sendo expulsas de casa, morei na rua” (Participante 5). Em geral, elas mencionam que é necessário “sair de casa e fazer sua vida” (Participante 2), e quando há conflitos familiares, buscam amparo de outras travestis, para conseguir moradia e continuar na busca pelo processo de feminilização e fabricação do corpo e gênero, algumas trabalham com prostituição para sustentar-se e, como é notório, a inserção no mercado formal de trabalho ainda é frágil. Souza et al.²⁰ apontam que o principal local para moradia, e nos quais elas são aceitas e conseguem viver dignamente, são as pensões de travestis, onde criam novos laços, ampliando a noção de família. Em conformidade com o descrito, há distintos elementos que contribuem para a vulnerabilidade de travestis, entre os citados por elas, o mau relacionamento familiar, expulsão, transfobia e prostituição corroboram para que sejam um dos grupos sociais que mais sofrem com a vulnerabilidade.

De Lauretis²¹ pontua que essas concepções culturais das categorias de feminino e masculino, como se fossem complementares, mas excludentes ao mesmo tempo, formam em cada cultura um sistema de gênero, sistema simbólico ou de significações, vinculado a valores

e hierarquias sociais, está sempre intimamente interligado com fatores políticos em cada sociedade.

Algo que costura o discurso das participantes com relação a construção do corpo, são os pelos do rosto, das cinco entrevistadas, apenas uma não utilizou o laser para retirada. Elas mencionam a melhoria da autoestima e aparência: “O que eu achei mais importante no processo de transição, no início, laser no rosto, que é para tirar a barba, aquilo é muito importante. Foi o primeiro investimento, que eu fiz” (Participante 1). “Fiz laser para matar a barba, infelizmente, eu já fui muito tarde. Eu tinha pouco pelo preto e o laser matou o pelo preto e, eu já tinha muito branco, então, tu pode ver que ainda tem” (Participante 5).

A construção do corpo das travestis, conforme aponta Antunes¹², é um trabalho longo de “engenharia física”, um processo contínuo, as mudanças estão baseadas na cultura e linguagem, buscam a transformação física e social, retiram e incorporam elementos a todo instante, afinal é no corpo que elas simbolicamente manifestam suas características.

Para sintetizar o corpo dentro de um campo tido como feminino, utilizam outras alternativas, como o uso de hormônio feminino, próteses de silicone ou silicone líquido industrial. “Eu era muito magra, comecei a tomar o tal de hormônio, e comecei a criar seios, pequenos, depois parei, ele me prejudicava muito” (Participante 5). “O processo hormonal é o mais interessante, também perigoso, porque a gente procura na Internet e se automedica” (Participante 4). “A gente toma hormônio que mata um pouco dos hormônios masculinos” (Participante 3).

O uso do hormônio traz à tona um processo de automedicação, visto que as políticas públicas não dão conta de atender a demanda de travestis. Embora elas saibam os riscos que correm, mantém o uso para deixar o corpo com as formas desejadas. O uso abusivo de hormônios por travestis evidencia um risco para o desenvolvimento de doenças hepáticas²².

Com relação à saúde, as entrevistadas aludem um cuidado e preocupação, principalmente, quando remetem ao uso de silicone industrial. Apenas uma das pesquisadas revelou que fez uso desse artifício para modelagem do corpo, mas diz ter ciência dos riscos que correu, as demais afirmam que nunca utilizaram e que não tem desejo, dado que sabem ser algo perigoso para saúde. “Meu peito e bumbum bombei com silicone industrial. Bombar o corpo não é questão de saúde, fazer uma bombação clandestina é questão de vaidade (...) o silicone industrial é uma bomba relógio, mais cedo ou mais tarde vai dar problema” (Participante 4). “Umás quantas que eu conheço que tem o silicone industrial, e hoje tem sérios problemas, nunca me passou pela cabeça fazer uso” (Participante2).

Pelúcio¹⁹ afirma que poucas são as travestis que não usarão o silicone industrial para modelagem do corpo, em função do seu resultado instantâneo. As recomendações para os riscos do uso deveriam ser trabalhadas por políticas públicas de saúde que permitam um acesso menos oneroso e constrangedor, pois os cuidados com a saúde terminam relegados à automedicação e às travestis mais velhas. Os cuidados estéticos e de construção do corpo, para maioria, é prioridade, estando acima, inclusive, dos cuidados com a saúde¹⁰, no entanto, isso não evidencia o cotidiano das participantes.

Todas entrevistadas encontram-se inseridas no mercado formal de trabalho, duas possuem ensino médio e as demais frequentam cursos técnicos profissionalizantes, cursos superiores e pós-graduação. Ao contrário do resultado desse estudo, Pelúcio²³ afirma que travestis, em geral, possuem baixa escolaridade e pertencem às classes sociais mais baixas, o que contribui para a falta de qualificação profissional e o agravamento da estigmatização em razão da sua identidade.

A construção de identidade, para as participantes, hoje, rompe com os aspectos pejorativos da venda do corpo, como sendo o traço identitário social da travesti, possibilitando realizarem suas construções pela inserção em espaços culturalmente negados. Estão

possibilitando rompimentos dos círculos culturais engessados no discurso patriarcal, abrem um espaço de discussão política a partir de suas inserções nos amplos espaços da sociedade, demonstrando o anseio de reconhecimento e de serem cidadãs de direitos.

No ensejo da construção social de identidade e corpo, outro aspecto que diz da experiência travesti está relacionado ao nome social. O nome, aliado ao processo de construção do corpo, contribuirá no processo de transformação. “Porque tu ter o nome social feminino e tu ter traços masculinos não combina muito” (Participante 5). Outras sentem-se incomodadas e desrespeitadas, já que, em alguns momentos, não conseguem usar o nome social. A vida das travestis é constantemente atravessada por preconceito e violência, muitas vezes veladas, no modo como atendentes e profissionais as recebem nos espaços diversos da sociedade. “As vezes tão precisando de atendimento médico, principalmente no SUS, a realidade toda que a gente vê, é de que são tratadas pelo nome masculino, às vezes tão com um problema que precisa ir numa polícia, tratam pelo nome civil, daí elas já não vão” (Participante 1). Outra alusão que fazem, e que diz respeito ao nome, é de suas relações de trabalho: “Quando eu vim pra cá eu ainda não tinha o nome social no crachá, já fazia 3 anos que eu tava e não tinha conseguido trocar o nome, eu conversei com eles, dizendo que se não trocasse o nome, que me demitissem” (Participante 1). Mesmo inseridas em ambientes formais de trabalho, sofrem o estigma e preconceito.

Essa relação do nome, o que Bento²⁴ chama de cidadania precária, representa uma negação dupla, da condição humana e de cidadãs que trazem em seus corpos marcas de um cotidiano precário. O nome social, no Brasil, pode ser visto como uma “gambiarra legal”, é o único país em que determinadas instituições garantem o direito negado globalmente, como, por exemplo, algumas escolas públicas e universidades, as quais reconhecem o direito pleno a cada um identificar-se no âmbito do gênero que quiser. A aceitação do nome social em escolas e universidades facilita o acesso e evita a evasão.

No Brasil, hoje há projetos de lei para garantir o acesso ao nome social de pessoas trans, porém, todos estão ligados a questão de patologização, tendo apenas o projeto de Lei nº 5002/2013, de autoria do deputado Jean Wyllys, que está estruturado e respeita a livre manifestação do reconhecimento da identidade de gênero.

Ainda há muitos aspectos a serem problematizados sobre as tecnologias políticas de identidade e corpo, que demandam uma intersecção política para que haja uma ruptura significativa no sistema de produção da heteronormatividade, é pensar a cidadania de um modo abrangente, no mínimo igualitária, de fluxos abrangentes de reconhecimentos, não produzindo apenas guetos de tratamentos pejorativos.

Travestilidades: representações sobre corpo e envelhecimento

Esta categoria discorrerá os aspectos relativos ao processo de envelhecimento do corpo de travestis, destacando os contextos significativos que as travestis entrevistadas representam e definem como envelhecimento e suas perspectivas em relação a ele. No que diz respeito as primeiras experiências do processo de envelhecimento das travestis, estão centralizadas naquilo que o seu corpo denota. “Tu vai ficando mais flácida, cabelo branco, ruga. São sintomas do envelhecimento” (Participante 2). “Os cabelos brancos, a raiz já está gritando, é um gasto a mais com a tinta. Mas daí o corpo começa a dar sinais também” (Participante 5). No processo de envelhecimento o destaque significativo para as travestis é o corpo velho, os cabelos brancos e as rugas que gritam o envelhecer.

Motta²⁵ diz que o envelhecimento é algo que se reporta a demarcação da idade, como algo natural e essencializado, comumente encarado pelas perdas e pela espera da morte, não se habitua a pensar em nada positivo nesse processo, as perdas se referem, normalmente, as questões relacionadas à saúde, expressas quase sempre na aparência do corpo.

Uma das participantes da pesquisa critica as travestis que trabalham com prostituição, dizendo que as mesmas estão em constante busca da juventude. “Hoje é só a questão do corpo, só plástica, para a gente nunca envelhecer, porque, talvez elas sempre têm que ser bonita daquele jeito, para poder se manter no mercado de trabalho de sexo, esquecem até da saúde” (Participante 1). Entretanto, outra participante, quando fala sobre o envelhecimento, diz que está satisfeita com seu corpo e não pode mais ficar presa a questões estéticas, pois o processo de envelhecimento lhe trouxe algumas condições de saúde. “Eu me aceitei, aceito meu corpo com 50 anos, até porque preciso cuidar da saúde, tu acaba tendo pressão alta, diabetes ou tendo outra coisa” (Participante 4). As falas demonstram a heterogeneidade do envelhecimento, salientando os diferentes modos de vivenciá-lo e de aceitar a nova-velha imagem, já que ele depende da subjetividade e dos marcadores sociais aos quais cada indivíduo está exposto. Cada pessoa tem uma representação da sua imagem corporal, que muda com o transcorrer da vida, na velhice essa mudança torna-se mais dramática em função da dificuldade de aceitação da imagem envelhecida em uma sociedade que prevalece a beleza da juventude²⁶.

O envelhecimento, para as entrevistadas, possui conotações depreciativas, o tratam como uma fase triste da vida. “Penso na solidão, que a velhice trás” (Participante 5). “O envelhecimento é uma palavra triste, uma coisa triste” (Participante 3). “Tu não tem mais a beleza, tu não tem o mesmo vigor, é triste” (Participante 4). As representações relativas ao envelhecimento “ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiura, a doença, a desesperança, a solidão, a morte, a tristeza, a inatividade, a falta de consciência de si e do mundo”²⁷. O discurso contemporâneo menospreza o envelhecimento, podendo contribuir para essas representações com relação ao seu próprio envelhecer, já que tem sido reconhecido por doenças, privações e tristezas. Assim como tem aumentado a longevidade, tem aumentado a “juvenilização”, isso acontece em função do contexto atual valorizar e estimular os modelos normativos de juventude^{25,28}.

Ainda sobre as representações do envelhecimento, duas entrevistadas não prospectam essa fase da vida. “Eu quero chegar até os 50 e deu. Não quero ficar velha” (Participante 3). “Eu não consigo me enxergar, sabe? Velha” (Participante 2). A expectativa de vida de travestis é baixa, o que contribui para uma visão negativa ou mesmo que não tenham representações significativas de travestis velhas. Kulick⁵, em seu estudo, já pontuava que, em geral, as travestis são jovens e aquelas que chegam aos 30 anos tendem a negar a idade, as que ultrapassam essa margem são consideradas verdadeiras “sobreviventes”.

Para mudar essa realidade, uma entrevistada acredita que o que vem fazendo hoje em seu cotidiano terá reflexo direto para seu envelhecimento e longevidade. “Eu acho principalmente de eu voltar a estudar, é mais uma segurança que eu vou ter daqui uns anos, de eu tá com um emprego, de eu poder me auto sustentar, tudo que eu fizer hoje é pra futuramente eu ter aquela tranquilidade” (Participante 1). Percebem que com acesso à educação, bem como a trabalhos dignos, que favorecem processos de inclusão e aceitação da sociedade, haverá um aumento na longevidade. “Atualmente a gente vê as travestis ocupando locais de estudo e de trabalho. É na saúde, no direito, em áreas que anteriormente a gente não via, ter estudo, ter oportunidade, está totalmente ligado” (Participante 2).

As entrevistadas relatam que as questões de vulnerabilidade, as quais a maioria delas está exposta, é algo que determina a pouca expectativa de vida, não vivenciando o envelhecimento e a velhice. Questões como o HIV, o uso de drogas, o uso do silicone industrial, a violência e preconceito são determinantes. “Eu tinha um álbum que o nome era In Memória. Acabaram falecendo por N motivos. Mas o principal, infelizmente, HIV, não existe o cuidado, não existe o tratamento, existir, existe, mas elas não dão bola” (Participante 5). “O Brasil tem o maior índice de violência contra trans. Também existe muita homofobia. Só que é um país que não tem justiça” (Participante 3). “Fazem muito uso de droga, doença por fazer sexo sem

camisinha, por se prostituir. Chega um ponto que não passa acho dos 50, é raro tu conhecer uma travesti com 60, 70 anos hoje” (Participante 2).

O uso de drogas, AIDS, silicone industrial e a violência, levam muitas travestis à morte precoce. Sobre a AIDS, Pelúcio (2007) afirma que, pela conotação negativa (doença moral, castigo, grupo de risco) que ela carrega, tornou-se mais um elemento de estigma para as travestis, tornando-se um termo de acusação, inclusive entre elas. Já o silicone, para Nogueira²⁹, é um produto que possui um valor simbólico, visto que é ele quem ajuda na performance da produção do corpo feminino, seu uso excessivo e seus riscos para vida são reconhecidos, em geral, pelas travestis, no entanto, é um processo que também passa pela “ordem do desejo”, as transformações podem custar caro e isso inclui pagar até mesmo com a própria vida. O Brasil é o país com o maior de número de mortes de travestis, segundo a pesquisa da Transgender Europe³⁰, ao passo que o Relatório sobre Violência Homofóbica no país³¹, reconhece que as travestis, entre a população LGBT, são as mais vitimadas pela violência, principalmente as com idade entre 19 e 30 anos, o que sugere que, além de todas as outras questões que perpassam sua vida, tem dificuldade de chegar à velhice em função da vulnerabilidade demarcada em suas vidas.

Algo que preocupa as travestis entrevistadas, tem a ver com os aspectos financeiros, elas creem que chegar na velhice com estabilidade financeira é algo importante, levantam questões sobre aposentadoria e outros benefícios para essa fase da vida, que dê conta do sustento delas com maior dignidade. “Tem amigas minhas que são travesti, que as coitadas, não tem um benefício, não tem, ou tão recém começando a pagar pra tentar entrar com uma ação no INSS” (Participante 4).

O envelhecimento tem sido demarcado por um conjunto de elementos que tornam os que envelhecem vulneráveis, esses elementos físicos, psicológicos e sociais abrangem questões que perpassam pelo discurso da entrevistada, a mais velha dentre as participantes, visto que a

busca por uma “estabilidade financeira” é, hoje, alvo de preocupação. Nogueira²⁹ percebe isso também e afirma que as travestis mais velhas sugerem muito mais essa preocupação que as mais jovens.

As participantes receiam a solidão que o envelhecimento pode proporcionar. “É difícil, eu não tenho ninguém, a gente não tem filho. Imagina tu com 70 anos, sem filho, sozinha, que vai restar pra ti? Um asilo?” (Participante 3). “Eu penso muito na velhice, na solidão, que agora já é complicado. Mas eu acho que depois dos 50, acredito que ainda dá pra arriscar umas paquera” (Participante 5). O medo da solidão que o envelhecimento pode trazer é algo marcante em suas falas, o vínculo mais fragilizado que algumas possuem com suas famílias e amigos pode influenciar nesse processo, por outro lado, sabe-se que é comum na cultura ocidental aliar a velhice à solidão, ao abandono e à exclusão. Nesse sentido, a vida das travestis pode caminhar para uma dupla vulnerabilidade ao se tornarem velhas, o estigma de ser velha e ser travesti. Siqueira⁸ aponta que esse receio pode ser em função da possibilidade de morte que a velhice traz, marcando o fim de uma trajetória do corpo.

Sobre solidão, as pesquisadas salientam: “Algumas amigas, travestis, mais velhas, já não tem mais namorado, saem, voltam pra casa, e dizem ah mana, faz tempo que eu não vejo um boy, porque? Mesmo as pessoas da nossa idade não querem se relacionar com pessoas mais velhas” (Participante 4). No mesmo sentido dessa discussão, há uma referência da velhice como uma fase assexuada da vida, onde elas referem sofrer preconceito até mesmo de seus pares. “Tem a questão sexualidade, parece que também é esquecida, a gente tem também desejo, as pessoas não pensam nessa questão da terceira idade LBGT, como pessoas ativas sexualmente. Aí tu sai na rua, os gays mais novos já te olham e dizem assim, lá vem a Maricona, vem aquela bicha velha” (Participante 4).

A sexualidade no envelhecimento é ainda um tabu, pouco se fala e se discute sobre o tema, normalmente as pessoas velhas são percebidas como seres assexuados e sem desejos. Há

um consenso entre os gerontólogos ao afirmarem que a sexualidade não se esgota na velhice, ela é um dos pilares para um envelhecimento ativo e com qualidade, deve ser encarada não apenas como o ato sexual, mas sim como a comunhão entre pessoas, que compartilharão companheirismo, carinho e afeto³². Essa ideia se aplica ao contexto da fala das travestis entrevistadas, pois vai ao encontro do que falam sobre o receio da solidão e o desejo de ter um companheiro nessa fase da vida.

Considerações finais

Com o objetivo de compreender as representações de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões em uma cidade do interior do RS, percebe-se que o corpo para as entrevistadas ocupa um lugar central e de destaque em suas vidas, a construção de um corpo feminino aponta para um processo contínuo e heterogêneo e, ao produzirem corpos performáticos, inscrevem o gênero pelo qual se identificam, rompendo com o modelo binário “naturalizado”. Se o corpo é uma produção cultural, para as travestis entrevistadas, ele é um local de produção de relação social com o outro, assim como um local de afirmação e inscrição de sua identidade e subjetividade.

Por conta dessa construção do corpo e produção de uma identidade que a todo momento é colocada sob suspeita, é comum que sejam estigmatizadas, em geral são pessoas com baixa escolaridade e qualificação profissional, que encontram dificuldade em alcançar empregos dignos e formais, bem como acesso à serviços de saúde, jurídicos e sociais. No entanto, para as travestis que participaram do estudo, esse dado não se enquadra, visto que, das cinco participantes, todas estão ocupando espaços formais de trabalho, têm acesso à educação e têm grande preocupação e cuidado com sua saúde.

Embora nessa pesquisa não tenha se excluído travestis que trabalham com prostituição, percebe-se que as participantes do estudo conseguiram romper com o lugar que, muitas vezes,

lhes era reservado, a prostituição, mostrando que é possível que transitem pelos amplos espaços públicos da sociedade, demonstrando um movimento político e de resistência. Abrindo caminhos e itinerários para outras travestis no espaço coletivo de equidade social, minimizando a vulnerabilidade a que comumente estão expostas.

Apresentam diferentes formas de significar e prospectar o envelhecimento, algumas referem conotações negativas, próprias da sociedade contemporânea, onde a tendência é depreciar a velhice e negá-la a todo custo, trazem à tona o receio da solidão e o medo da perda do corpo jovem, corpo esse arquitetado e moldado durante uma longa jornada. No geral, não prospectam o envelhecimento e a velhice, dado que não há representações significativas do que é ser uma travesti velha, acreditam que a mudança do perfil atual com relação à longevidade dessa população requisita o aumento da escolaridade, da renda e acesso a políticas públicas de saúde e assistência social.

Colaboradores

As autoras contribuíram na concepção e no delineamento ou análise e interpretação dos dados; redação do artigo ou a sua revisão crítica; e aprovação da versão a ser publicada.

Referências

1. Woodward K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva TT, organizador. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes; 2000. p. 7-72.
2. Amaral MS, Silva TC, Cruz KO, Toneli MJF. "Do travestismo às travestilidades": uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicol. Soc.* 2014; 26(2):301-311.
3. Silva H. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1993.

4. Benedetti MR. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond; 2005.
5. Kulick D. *Travestis, prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008.
6. Coelho JF. *Bastidores e estreias: performances trans e boates gays “abalando” as cidades* [dissertação]. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará; 2009.
7. Siqueira MS. *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice* [dissertação]. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina; 2004.
8. Siqueira MS. *Arrasando horrores!: uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas* [tese]. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina; 2009.
9. Pelúcio L. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; 2009.
10. Souza MT, Signorelli MC, Coviello DM, Pereira PPG. Itinerários terapêuticos de travestis da região central do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva* 2014; 19(7):2277-2286.
11. Butler J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2016.
12. Antunes PPS. *Travestis envelhecem?* [dissertação]. São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica; 2010.
13. Moraes TCA, Moreira PS. Conceitos de vulnerabilidade humana e Integridade individual para a bioética. *Rev. bioét.* 2017; 25(2):311-319.
14. Nogueira SNB, Aquino TA, Cabral EA. *Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans*. Rio de Janeiro: Rede Trans Brasil; 2017.

15. Minayo M, organizador. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Hucitec; 2009.
16. Gaskell G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer WM, Gaskell G, organizadores. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Trad. Guareski PA. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 64-73.
17. Goellner SV. A produção cultural do corpo. In: Louro GL, Neckel JF, Goellner SV, organizadores. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes; 2003. p. 28-40.
18. Jaeger AA. Relações de gênero e a medida do músculo no esporte. In: Dornelles PG, Wenez I, Schwengber MSV, organizadores. *Educação Física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: UNIJUÍ; 2013. v.1, p. 267-289.
19. Pelúcio L. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS [tese]*. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos; 2007.
20. Souza MHT, Malvasi P, Signorelli MC, Pereira PPG. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública* 2015; 31(4):767-776.
21. De Laurets T. A tecnologia de gênero. In: Holanda HB, organizador. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro, Rocco; 1994. p. 206-241.
22. Romano VF. As Travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. *Saúde Soc.* 2008; 17(2):211-219.
23. Pelúcio L. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu* 2005; 25:217-248.
24. Bento B. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. *Contemporânea* 2014; 4(1):165-182.

25. Motta AB. A juvenilização atual das idades. *Caderno Espaço Feminino* 2012; 25(2):11-24.
26. Lima CFM, Rivemales MCC. Corpo e envelhecimento: uma reflexão – artigo de revisão. *Estud. interdiscipl. envelhec.* 2013; 18(1):153-166.
27. Lins de Barros M, organizador. *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2000.
28. Minayo M, Coimbra Jr CEA, organizadores. *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2002.
29. Nogueira FJS. *Mariconas: itinerários da velhice travesti, (des) montagens e (in) visibilidades* [tese]. Santa Rita, PB: Universidade Federal da Paraíba; 2013.
30. Transgender Europe. *Mais de 2.000 pessoas trans assassinadas nos últimos 8 anos*. Nota de Imprensa, Dia Internacional da Visibilidade Trans. 30 mar. 2016. [acessado 2016 Mai 18]. Disponível em: http://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/03/TvT_TMM_TDoV2016_PR_PT.pdf
31. Brasil. *Relatório sobre violência homofóbica no país: ano 2012*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2012.
32. Debert GG, Brigeiro M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Rev. bras. Ci. Soc.* 2012; 27(80):37-54.

5 CONCLUSÕES

Ouvi falar, no decorrer da minha trajetória no mestrado, que é difícil colocar o ponto final na dissertação. Pois bem, é chegada a hora, nesse momento faço uma retrospectiva do que foi esse processo, muito difícil, mas também muito prazeroso, visto que tive a oportunidade de realizar uma pesquisa, que talvez em outros espaços, a qual estou vinculada, não seria possível.

Me propus a trabalhar com um grupo social que vive à margem da sociedade, que tem pouca ou quase nenhuma visibilidade diante das políticas públicas, um grupo do qual eu, em particular, não pertencia, tampouco tinha vínculos, porém, como já afirmei na introdução e justificativa, um grupo que me gerava muita empatia e desejo de contribuir em seus cotidianos, de alguma forma, e assim o foi, conheci travestis com lindas histórias de vida e que, com toda gentileza, fizeram com que esse trabalho tomasse forma.

Tive como objetivo compreender as representações de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões em Santa Maria, as quais conheci e me vinculei a ponto de algumas, hoje, por mim, serem consideradas amigas.

O tema foi costurado a partir de um referencial teórico que não buscou por verdades absolutas, mas sim por visibilizar esse grupo e suas trajetórias de vida. Entretanto, o que apresentei, a partir de minhas apropriações teóricas, foram uma das diversas formas de pensar sobre o tema, sendo assim, tudo o que aqui foi descrito pode ser considerado transitório, mutável, construído e reconstruído.

Percebi, no decorrer do estudo, que o corpo para as travestis ocupa uma centralidade de destaque em suas vidas e na sua constituição enquanto pessoa. A construção do corpo se apresenta como um processo contínuo e heterogêneo e, ao produzirem corpos performáticos, inscrevem o gênero pelo qual se identificam, rompendo com o modelo binário “naturalizado”. Se o corpo é uma produção cultural, para as entrevistadas desse estudo, ele é um local de produção de relação social, onde afirmam sua identidade.

Tendo em vista a construção do corpo e a produção de identidade, que em geral é negada ou vista como algo suspeito, é comum que sofram preconceito e violência de todos os tipos, geralmente possuem pouco estudo e têm dificuldade em alcançar empregos dignos e formais, bem como acesso à serviços de saúde, jurídicos e sociais. No entanto, para as travestis que participaram desse estudo, esse dado não

corroborar com seus perfis, visto que, das cinco participantes, todas estão ocupando espaços formais de trabalho, têm acesso à educação e têm grande preocupação e cuidado com sua saúde.

Embora essa pesquisa não tenha excluído travestis que trabalham com prostituição, percebeu-se que as participantes do estudo conseguiram romper com o lugar que, muitas vezes, lhes era reservado, a prostituição, mostrando que é possível que transitem pelos amplos espaços públicos da sociedade, demonstrando um movimento político e de resistência, abrindo caminhos e itinerários para outras travestis no espaço coletivo de equidade social, minimizando a vulnerabilidade a que comumente estão expostas.

Com relação ao envelhecimento, demonstram diferentes formas de representá-lo, significá-lo e prospectá-lo, algumas referem conotações negativas, próprias da sociedade contemporânea, onde a tendência é depreciar a velhice e negá-la a todo custo. Em geral, têm dificuldade de prospectar o envelhecimento e a velhice, penso que isso tenha ligação com o fato de não haver representações significativas do que é ser uma travesti velha.

Assim, ao final desse estudo, espera-se que novas pesquisas, com um número maior de participantes, possam ser realizadas, abrangendo a temática e contribuindo para ampliação da discussão sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. S. et al. Do travestismo às travestilidades: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 301-311, 2014.
- ANTUNES, P. P. S. **Travestis envelhecem?**. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, 2010.
Disponível em:
<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11719>. Acesso em: 06 fev. 2014.
- _____. **Travestis envelhecem?**. São Paulo: Annablume, 2013.
- ANTUNES, P. P. S.; MERCADANTE, E. F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Revista Kairós Gerontologia Temática**, São Paulo, v. 14, n. 5, p. 109-132, dez. 2011.
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENEDETTI, M. R. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENEDICT, R. **Padrões de Cultura**. Tradução de Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no país: ano 2012**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2012. Disponível em:
<<http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/RELATORIO%20VIOLENCIA%20HOMOFOBICA%20ANO%202012.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59.
- BRUM, I. S. **Da nomeação às práticas de prostituição: um olhar sobre travestis e transexuais a partir de artigos científicos encontrados na Scielo**. 2014. 67 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: química da vida e saúde) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2014.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CASTLE, T. A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In: ROUSSEAU, G. S.; PORTER, R. (Orgs.). **Submundos do sexo no Iluminismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

- CHANTER, T. **Gênero: conceitos-chave em filosofia**. Tradução de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COELHO, J. F. J. **Bastidores e estreias: performances trans e boates gays “abalando” as cidades**. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2009.
- COSTA, C. G. H. **Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2013.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DEBERT, G. G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 37-54, out. 2012.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FARINATTI, P. T. V. **Saúde, promoção da saúde e educação física: conceitos, princípios e aplicações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.
- FERNANDES, M. G. M.; GARCIA, L. G. O corpo envelhecido: percepção e vivências de mulheres idosas. **Interface**, Botucatu, v. 14, n. 35, p. 879-890, out./dez. 2010.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, W. M.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareski. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-73.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.
- GOLDENBERG, M. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- GROISMAN, D. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 61-78, jan./abr. 2002.
- KULICK, D. **Travestis, prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEITE JR., J. **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

LEOPARDI, M. T. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez. 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Hucitec, 2009.

MINAYO, M.; COIMBRA JR., C. E. A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MISKOLCI, R. Corpo, Identidade e Política. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 12., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2005. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=69&Itemid=171>. Acesso em: 01 ago. 2016.

MOTTA, A. B. da. A juvenilização atual das idades. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 11-24, jul./dez. 2012.

_____. Envelhecimento e sentimento de corpo. In: MINAYO, M. C.; COIMBRA JR., C. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 37-50.

NANDA, S. **Neither man nor woman**: the Hijras of India. 2nd ed. Belmont: Wadsworth Pub, 1998.

NAVAS, K. M. **Travestilidades**: trajetórias de vidas, lutas e resistências como construção de sociabilidade. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

NEGREIROS, T. C. G. M. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 77-86, jul./dez. 2004.

NERI, A. L. **Palavras-chave em Gerontologia**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2008.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000.

NOGUEIRA, F. J. S. **Mariconas**: itinerários da velhice travesti, (des) montagens e (in) visibilidades. 2013. 232 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, Santa Rita, PB, 2013.

PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. **Nos nervos, na carne, na pele**: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. 2007. 313 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SBGG. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. **O que é Geriatria e Gerontologia?**. 2016. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/espaco-cuidador/o-que-e-geriatria-e-gerontologia/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

SIMPSON, K. Transexualidade e travestilidade na saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. p. 9-15.

SILVA, H. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan./mar. 2008.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, M. S. **Arrasando horrores!**: uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas. 2009. 530 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

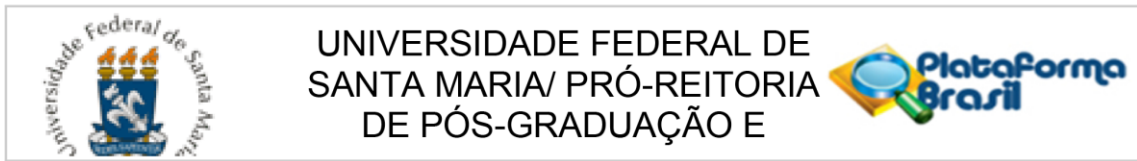
_____. **Sou senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2004.

SOUZA, M. H. T. et al. Itinerários terapêuticos de travestis da região central do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 7, p. 2277-2286, 2014.

TRANSGENDER EUROPE. **Mais de 2.000 pessoas trans assassinadas nos últimos 8 anos**. Nota de Imprensa, Dia Internacional da Visibilidade Trans. 30 mar. 2016. Disponível em: <http://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/03/TvT_TMM_TDoV2016_PR_PT.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2016.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS PERCEPÇÕES DE CORPO E DE ENVELHECIMENTO DE TRAVESTIS QUE ATUAM EM DIFERENTES PROFISSÕES EM SANTA MARIA - RS

Pesquisador: Angelita Alice Jaeger

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 60305816.8.0000.5346

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.772.046

Apresentação do Projeto:

Com o presente projeto, pretende-se compreender as percepções de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões na cidade de Santa Maria - RS. Para a pesquisa, será adotada a abordagem qualitativa, a qual usará como técnica entrevistas em profundidade e, para análise de dados, será utilizado o método de interpretação dos sentidos. As travestis em processo de envelhecimento merecem destaque, justamente por comporem um grupo social que normalmente sofre exclusão em todas as faixas etárias. Diante desse contexto, pouco se conhece a respeito das percepções sobre corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões.

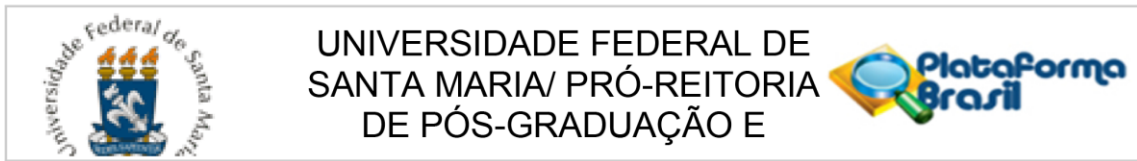
Objetivo da Pesquisa:

O projeto apresenta os seguintes objetivos:

Objetivo geral: compreender as percepções de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões na cidade de Santa Maria - RS.

Objetivos específicos:

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.772.046

- Descrever suas mudanças corporais notadas no processo de envelhecimento;
- Conhecer e mapear os espaços de construção do corpo, suas práticas corporais e de cuidado, e seus lugares de sociabilidade;
- Conhecer suas profissões e compreender suas relações de trabalho;
- Compreender os significados e as perspectivas de envelhecimento;
- Compreender o lugar que o corpo ocupa na atuação profissional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios inerentes a pesquisa são apresentados satisfatoriamente.

Riscos: não oferece riscos potenciais à sua saúde física ou mental, podendo eventualmente ocorrer desconfortos em função da temática da pesquisa, porém, no caso da participante se sentir prejudicada, sob qualquer aspecto, durante a pesquisa, poderá livremente retirar seu consentimento para participação.

Benefícios: a pesquisa não oferece benefícios diretos aos participantes, mas proporcionará visibilidade à temática.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

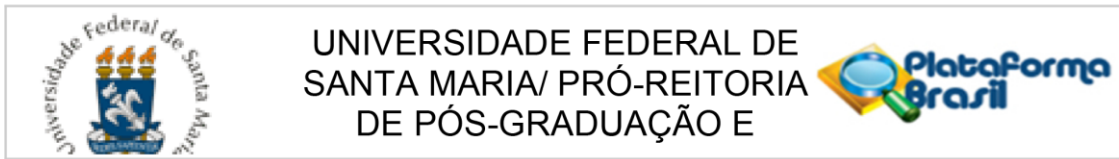
Todos os termos de apresentação obrigatória foram apresentados adequadamente.

Recomendações:

- Acrescentar no arquivo da plataforma Brasil os objetivos específicos (secundários) da pesquisa.

Veja no site do CEP - <http://w3.ufsm.br/nucleodecomites/index.php/cep> - na aba "orientações gerais", modelos e orientações para apresentação dos documentos. ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.772.046

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_779697.pdf	21/09/2016 19:30:16		Aceito
Folha de Rosto	Folharostook.pdf	21/09/2016 19:30:01	Angelita Alice Jaeger	Aceito
Outros	GAP2.pdf	30/08/2016 17:27:48	Angelita Alice Jaeger	Aceito
Outros	GAPBruna.pdf	30/08/2016 17:27:28	Angelita Alice Jaeger	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFinal.docx	30/08/2016 17:25:00	Angelita Alice Jaeger	Aceito
Outros	TConfidencialidade.pdf	30/08/2016 16:34:41	Angelita Alice Jaeger	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	30/08/2016 16:34:07	Angelita Alice Jaeger	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 12 de Outubro de 2016

Assinado por:
CLAUDEMIR DE QUADROS
(Coordenador)

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com

ANEXO B - NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA CIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA

Recomenda-se que os artigos submetidos não tratem apenas de questões de interesse local, ou se situe apenas no plano descritivo. As discussões devem apresentar uma análise ampliada que situe a especificidade dos achados de pesquisa ou revisão no cenário da literatura nacional e internacional acerca do assunto, deixando claro o caráter inédito da contribuição que o artigo traz.

A revista C&SC adota as “Normas para apresentação de artigos propostos para publicação em revistas médicas”, da Comissão Internacional de Editores de Revistas Médicas, cuja versão para o português encontra-se publicada na *Rev Port Clin Geral* 1997; 14:159-174. O documento está disponível em vários sítios na World Wide Web, como por exemplo, www.icmje.org ou www.apmcg.pt/document/71479/450062.pdf. Recomenda-se aos autores a sua leitura atenta.

Seções da publicação

Editorial: de responsabilidade dos editores chefes ou dos editores convidados, deve ter no máximo 4.000 caracteres com espaço.

Artigos Temáticos: devem trazer resultados de pesquisas de natureza empírica, experimental, conceitual e de revisões sobre o assunto em pauta. Os textos de pesquisa não deverão ultrapassar os 40.000 caracteres.

Artigos de Temas Livres: devem ser de interesse para a saúde coletiva por livre apresentação dos autores através da página da revista. Devem ter as mesmas características dos artigos temáticos: máximo de 40.000 caracteres com espaço, resultarem de pesquisa e apresentarem análises e avaliações de tendências teórico-metodológicas e conceituais da área.

Artigos de Revisão: Devem ser textos baseados exclusivamente em fontes secundárias, submetidas a métodos de análises já teoricamente consagrados, temáticos ou de livre demanda, podendo alcançar até o máximo de 45.000 caracteres com espaço.

Opinião: texto que expresse posição qualificada de um ou vários autores ou entrevistas realizadas com especialistas no assunto em debate na revista; deve ter, no máximo, 20.000 caracteres com espaço.

Resenhas: análise crítica de livros relacionados ao campo temático da saúde coletiva, publicados nos últimos dois anos, cujo texto não deve ultrapassar 10.000 caracteres com espaço. Os autores da resenha devem incluir no início do texto a referência completa do livro. As referências citadas ao longo do texto devem seguir as mesmas regras dos artigos. No momento da submissão da resenha os autores devem inserir em anexo no sistema uma reprodução, em alta definição da capa do livro em formato jpeg.

Cartas: com apreciações e sugestões a respeito do que é publicado em números anteriores da revista (máximo de 4.000 caracteres com espaço).

Observação: O limite máximo de caracteres leva em conta os espaços e inclui texto e bibliografia. O resumo/abstract e as ilustrações (figuras e quadros) são considerados à parte.

Apresentação de manuscritos

1. Os originais podem ser escritos em português, espanhol, francês e inglês. Os textos em português e espanhol devem ter título, resumo e palavras-chave na língua original e em inglês. Os textos em francês e inglês devem ter título, resumo e palavras-chave na língua original e em português. Não serão aceitas notas de pé-de-página ou no final dos artigos.
2. Os textos têm de ser digitados em espaço duplo, na fonte Times New Roman, no corpo 12, margens de 2,5 cm, formato Word e encaminhados apenas pelo endereço eletrônico (<http://mc04.manuscriptcentral.com/csc-scielo>) segundo as orientações do site.
3. Os artigos publicados serão de propriedade da revista C&SC, ficando proibida a reprodução total ou parcial em qualquer meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem a prévia autorização dos editores-chefes da Revista. A publicação secundária deve indicar a fonte da publicação original.
4. Os artigos submetidos à C&SC não podem ser propostos simultaneamente para outros periódicos.
5. As questões éticas referentes às publicações de pesquisa com seres humanos são de inteira responsabilidade dos autores e devem estar em conformidade com os princípios contidos na Declaração de Helsinque da Associação Médica Mundial (1964, reformulada em 1975, 1983, 1989, 1989, 1996 e 2000).

6. Os artigos devem ser encaminhados com as autorizações para reproduzir material publicado anteriormente, para usar ilustrações que possam identificar pessoas e para transferir direitos de autor e outros documentos.

7. Os conceitos e opiniões expressos nos artigos, bem como a exatidão e a procedência das citações são de exclusiva responsabilidade dos autores.

8. Os textos são em geral (mas não necessariamente) divididos em seções com os títulos Introdução, Métodos, Resultados e Discussão, às vezes, sendo necessária a inclusão de subtítulos em algumas seções. Os títulos e subtítulos das seções não devem estar organizados com numeração progressiva, mas com recursos gráficos (caixa alta, recuo na margem etc.).

9. O título deve ter 120 caracteres com espaço e o resumo/abstract, com no máximo 1.400 caracteres com espaço (incluindo palavras-chave/keywords), deve explicitar o objeto, os objetivos, a metodologia, a abordagem teórica e os resultados do estudo ou investigação. Logo abaixo do resumo os autores devem indicar até no máximo, cinco (5) palavras-chave. Palavras-chave/Keywords. Chamamos a atenção para a importância da clareza e objetividade na redação do resumo, que certamente contribuirá no interesse do leitor pelo artigo, e das palavras-chave, que auxiliarão a indexação múltipla do artigo. As palavras-chaves na língua original e em inglês devem constar no DeCS/MeSH (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/mesh/> e <http://decs.bvs.br/>).

Autoria

1. As pessoas designadas como autores devem ter participado na elaboração dos artigos de modo que possam assumir publicamente a responsabilidade pelo seu conteúdo. A qualificação como autor deve pressupor: a) a concepção e o delineamento ou a análise e interpretação dos dados, b) redação do artigo ou a sua revisão crítica, e c) aprovação da versão a ser publicada.

2. O limite de autores no início do artigo deve ser no máximo de oito. Os demais autores serão incluídos no final do artigo.

3. Em nenhum arquivo inserido, deverá constar identificação de autores do manuscrito.

Nomenclaturas

1. Devem ser observadas rigidamente as regras de nomenclatura de saúde pública/saúde coletiva, assim como abreviaturas e convenções adotadas em disciplinas especializadas. Devem ser evitadas abreviaturas no título e no resumo.
2. A designação completa à qual se refere uma abreviatura deve preceder a primeira ocorrência desta no texto, a menos que se trate de uma unidade de medida padrão.

Ilustrações e Escalas

1. O material ilustrativo da revista C&SC compreende tabela (elementos demonstrativos como números, medidas, percentagens, etc.), quadro (elementos demonstrativos com informações textuais), gráficos (demonstração esquemática de um fato e suas variações), figura (demonstração esquemática de informações por meio de mapas, diagramas, fluxogramas, como também por meio de desenhos ou fotografias). Vale lembrar que a revista é impressa em apenas uma cor, o preto, e caso o material ilustrativo seja colorido, será convertido para tons de cinza.
2. O número de material ilustrativo deve ser de, no máximo, cinco por artigo, salvo exceções referentes a artigos de sistematização de áreas específicas do campo temático. Nesse caso os autores devem negociar com os editores-chefes.
3. Todo o material ilustrativo deve ser numerado consecutivamente em algarismos arábicos, com suas respectivas legendas e fontes, e a cada um deve ser atribuído um breve título. Todas as ilustrações devem ser citadas no texto.
4. As tabelas e os quadros devem ser confeccionados no mesmo programa utilizado na confecção do artigo (Word).
5. Os gráficos devem estar no programa Excel, e os dados numéricos devem ser enviados, em separado no programa Word ou em outra planilha como texto, para facilitar o recurso de copiar e colar. Os gráficos gerados em programa de imagem (Corel Draw ou Photoshop) devem ser enviados em arquivo aberto com uma cópia em pdf.
6. Os arquivos das figuras (mapa, por ex.) devem ser salvos no (ou exportados para o) formato Illustrator ou Corel Draw com uma cópia em pdf. Estes formatos conservam a informação vetorial, ou seja, conservam as linhas de desenho dos mapas. Se for impossível salvar nesses formatos; os arquivos podem ser enviados nos formatos TIFF ou BMP, que são formatos de imagem e não conservam sua informação vetorial,

o que prejudica a qualidade do resultado. Se usar o formato TIFF ou BMP, salvar na maior resolução (300 ou mais DPI) e maior tamanho (lado maior = 18cm). O mesmo se aplica para o material que estiver em fotografia. Caso não seja possível enviar as ilustrações no meio digital, o material original deve ser mandado em boas condições para reprodução.

7. Os autores que utilizam escalas em seus trabalhos devem informar explicitamente na carta de submissão de seus artigos, se elas são de domínio público ou se têm permissão para o uso.

Agradecimentos

1. Quando existirem, devem ser colocados antes das referências bibliográficas.
2. Os autores são responsáveis pela obtenção de autorização escrita das pessoas nomeadas nos agradecimentos, dado que os leitores podem inferir que tais pessoas subscrevem os dados e as conclusões.
3. O agradecimento ao apoio técnico deve estar em parágrafo diferente dos outros tipos de contribuição.

Referências

1. As referências devem ser numeradas de forma consecutiva de acordo com a ordem em que forem sendo citadas no texto. No caso de as referências serem de mais de dois autores, no corpo do texto deve ser citado apenas o nome do primeiro autor seguido da expressão *et al.*

2. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos, conforme exemplos abaixo:

ex. 1: “Outro indicador analisado foi o de maturidade do PSF” 11 ...

ex. 2: “Como alerta Maria Adélia de Souza 4, a cidade...”

As referências citadas somente nos quadros e figuras devem ser numeradas a partir do número da última referência citada no texto.

3. As referências citadas devem ser listadas ao final do artigo, em ordem numérica, seguindo as normas gerais dos *Requisitos uniformes para manuscritos apresentados a periódicos biomédicos* (http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html).

4. Os nomes das revistas devem ser abreviados de acordo com o estilo usado no Index Medicus (<http://www.nlm.nih.gov/>).

5. O nome de pessoa, cidades e países devem ser citados na língua original da publicação.

Exemplos de como citar referências:

Artigos em periódicos

1. Artigo padrão (incluir todos os autores)

Pelegri ML, Castro JD, Drachler ML. Equidade na alocação de recursos para a saúde: a experiência no Rio Grande do Sul, Brasil. *Cien Saude Colet* 2005; 10(2):275-286.

Maximiano AA, Fernandes RO, Nunes FP, Assis MP, Matos RV, Barbosa CGS, Oliveira-Filho EC. Utilização de drogas veterinárias, agrotóxicos e afins em ambientes hídricos: demandas, regulamentação e considerações sobre riscos à saúde humana e ambiental. *Cien Saude Colet* 2005; 10(2):483-491.

2. Instituição como autor

The Cardiac Society of Australia and New Zealand. Clinical exercise stress testing. Safety and performance guidelines. *Med J Aust* 1996; 164(5):282-284

3. Sem indicação de autoria

Cancer in South Africa [editorial]. *S Afr Med J* 1994; 84:15.

4. Número com suplemento

Duarte MFS. Maturação física: uma revisão de literatura, com especial atenção à criança brasileira. *Cad Saude Publica* 1993; 9(Supl. 1):71-84.

5. Indicação do tipo de texto, se necessário

Enzensberger W, Fischer PA. Metronome in Parkinson's disease [carta]. *Lancet* 1996; 347:1337.

Livros e outras monografias

6. Indivíduo como autor

Cecchetto FR. *Violência, cultura e poder*. Rio de Janeiro: FGV; 2004.

Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª Edição. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec, Abrasco; 2004.

7. Organizador ou compilador como autor

Bosi MLM, Mercado FJ, organizadores. *Pesquisa qualitativa de serviços de saúde*. Petrópolis: Vozes; 2004.

8. Instituição como autor

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). *Controle de plantas aquáticas por meio de agrotóxicos e afins*. Brasília: DILIQ/IBAMA; 2001.

9. Capítulo de livro

Sarcinelli PN. A exposição de crianças e adolescentes a agrotóxicos. In: Peres F, Moreira JC, organizadores. *É veneno ou é remédio*. Agrotóxicos, saúde e ambiente. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 43-58.

10. Resumo em Anais de congressos

Kimura J, Shibasaki H, organizadores. Recent advances in clinical neurophysiology. *Proceedings of the 10th International Congress of EMG and Clinical Neurophysiology*; 1995 Oct 15-19; Kyoto, Japan. Amsterdam: Elsevier; 1996.

11. Trabalhos completos publicados em eventos científicos

Coates V, Correa MM. Características de 462 adolescentes grávidas em São Paulo. In: *Anais do V Congresso Brasileiro de adolescência*; 1993; Belo Horizonte. p. 581-582.

12. Dissertação e tese

Carvalho GCM. *O financiamento público federal do Sistema Único de Saúde 1988-2001* [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública; 2002.

Gomes WA. *Adolescência, desenvolvimento puberal e sexualidade: nível de informação de adolescentes e professores das escolas municipais de Feira de Santana – BA* [dissertação]. Feira de Santana (BA): Universidade Estadual de Feira de Santana; 2001.

Outros trabalhos publicados

13. Artigo de jornal

Novas técnicas de reprodução assistida possibilitam a maternidade após os 40 anos. *Jornal do Brasil*; 2004 Jan 31; p. 12

Lee G. Hospitalizations tied to ozone pollution: study estimates 50,000 admissions annually. *The Washington Post* 1996 Jun 21; Sect. A:3 (col. 5).

14. Material audiovisual

HIV+/AIDS: the facts and the future [videocassette]. St. Louis (MO): Mosby-Year Book; 1995.

15. Documentos legais

Brasil. Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União* 1990; 19 set.

Material no prelo ou não publicado

Leshner AI. Molecular mechanisms of cocaine addiction. *N Engl J Med*. In press 1996.
Cronenberg S, Santos DVV, Ramos LFF, Oliveira ACM, Maestrini HA, Calixto N. Trabeculectomia com mitomicina C em pacientes com glaucoma congênito refratário. *Arq Bras Oftalmol*. No prelo 2004.

Material eletrônico

16. Artigo em formato eletrônico

Morse SS. Factors in the emergence of infectious diseases. *Emerg Infect Dis* [serial on the Internet] 1995 Jan-Mar [cited 1996 Jun 5];1(1):[about 24 p.]. Available from: <http://www.cdc.gov/ncidod/EID/eid.htm>

Lucena AR, Velasco e Cruz AA, Cavalcante R. Estudo epidemiológico do tracoma em comunidade da Chapada do Araripe – PE – Brasil. *Arq Bras Oftalmol* [periódico na Internet]. 2004 Mar-Abr [acessado 2004 Jul 12];67(2): [cerca de 4 p.]. Disponível em: <http://www.abonet.com.br/abo/672/197-200.pdf>

17. Monografia em formato eletrônico

CDI, clinical dermatology illustrated [CD-ROM]. Reeves JRT, Maibach H. CMEA Multimedia Group, producers. 2ª ed. Version 2.0. San Diego: CMEA; 1995.

18. Programa de computador

Hemodynamics III: the ups and downs of hemodynamics [computer program]. Version 2.2. Orlando (FL): Computerized Educational Systems; 1993.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: As percepções de corpo e de envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões em Santa Maria - RS

Pesquisador responsável: Angelita Alice Jaeger

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação Física e Desportos/Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas

Demais pesquisadoras: Bruna Rodrigues Maziero

Telefone e endereço postal completo: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 51, Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas, sala 1037, 97105-970 - Santa Maria- RS

Eu, Bruna Rodrigues Maziero, responsável pela pesquisa: **As percepções de corpo e de envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões em Santa Maria - RS**, a convido para participar como voluntária deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende compreender as percepções de corpo e envelhecimento de travestis que atuam em diferentes profissões na cidade de Santa Maria - RS. Acreditamos que ela seja importante porque reformular novos vieses na perspectiva do processo de envelhecer das travestis é necessário, possibilitando deslocamentos de lugares predestinados que a sociedade referenciou como seus, naturalizados como singulares apenas a elas, é preciso visionar esses sujeitos rompendo com o campo da estigmatização, politizando a discussão para tratá-las como cidadãs de direito, e como tal ocupar os amplos espaços democráticos da sociedade.

Para sua realização será utilizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, com entrevistas em profundidade. Sua participação será nas entrevistas em profundidade, que serão registradas por meio de um gravador e após serão transcritas na íntegra para serem analisadas.

Esta pesquisa não oferecerá riscos potenciais à sua saúde física ou mental, podendo eventualmente ocorrer desconfortos em função da temática da pesquisa, porém, se você se sentir prejudicada, sob qualquer aspecto, durante a pesquisa, poderá livremente retirar seu consentimento para participação.

Espera-se, a partir desta pesquisa, um aumento no número de trabalhos referentes à temática, melhor compreensão das percepções de corpo e envelhecimento de travestis. Além disso, este estudo poderá auxiliar os profissionais de todas as áreas e a sociedade em geral a ampliar seu olhar, tornando-o mais empático e reflexivo para com esse segmento social, favorecendo, dessa forma, a visibilidade desse grupo.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com as pesquisadoras ou com o Comitê de Ética em Pesquisa. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação das voluntárias, a não ser entre as responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelas pesquisadoras.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informada, e tenho conhecimento de que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente, também, dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais me foi entregue.

Assinatura da voluntária

Assinatura do (a) responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, _____ de _____ de _____